

ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE



**COMO FAZER DO PERCURSO
UM INVESTIMENTO PARA O FUTURO**

EXPEDIENTE

DIRETORIA EXECUTIVA EPB - SECCIONAL CURITIBA

Casal Diretor Presidente:

Zenilda B. Castelo Branco e Alexandre C. Castelo Branco

Casal Diretor Vice-Presidente:

Samantha B. dos Santos Ferst e Luciano Homan Ferst

Diretoras Doutrina:

Carolina B. de Oliveira e Sueli Terezinha M. da Rocha

Diretor Secretário, Administrativo e Financeiro:

José Carlos Budel

Casal Diretor Congresso, Seminário e Eventos:

Marlene de Fátima Merege Pereira e José Carlos Pereira

Diretoras de Divulgação e Relações Públicas:

Josiane Zimmer da Silva e Daniele Cristina Rosa

Diretoras Social:

Zenilda Barbosa Castelo Branco e Marlene de Fátima Merege Pereira

Demais Associados:

Bruno Chepanck dos Santos, Noysa Brehna Detoni dos Santos, Sílvia Machado de Oliveira e Yvy Karla Bustamante Abbade

Dirigente Regional:

José Ariston da Silva

Casal Representante Nacional:

Adriana Mazutti Ruschel Castanhel e Francisco Carlos Castanhel - Seccional São Miguel do Iguçu/PR

Revisão:

DePropósito Comunicação Integrada Ltda.

Capa:

Eduardo Colgan

Diagramação:

logicacomunicacao.com

Jornalista Responsável:

Tito Zeglin - DRT 645

Impressão:

Patras Serviços Gráficos Eireli - ME

Tiragem:

2.000 Exemplares

Escola de Pais do Brasil - Seccional de Curitiba

CNPJ 76.717.487/0001-90

Rua Desembargador Motta, 2452

Centro - Curitiba - PR CEP 80.430-200

E-mail: escoladepaisctb@gmail.com

Telefone: (41) 3018-0707



 @escoladepaiscuritiba

 /EscoladePaisCuritiba

SOBRE A CAPA

A **ADOLESCÊNCIA** é período de intensas mudanças, em que o jovem se afasta das ideias que tinha na infância e estabelece a sua personalidade para a vida adulta. Nesse período-chave de novos significados, é importante manter o caminho de diálogo com os adultos e entender que, por mais que todos passemos por mudanças, cada um tem a sua própria jornada para percorrer, recebendo para si as tonalidades de pais e responsáveis, de amigos e do mundo.



www.escoladepais.org.br



EDITORIAL

COMO TRANSFORMAR O PERCURSO EM UM INVESTIMENTO PARA O FUTURO

QUERIDOS leitores e amigos, Paz!

É com muita alegria que apresentamos a vocês a 51ª edição da nossa Revista, cujo tema "Adolescência e Juventude - como fazer do percurso um investimento para o futuro" será apresentado por nossos colaboradores.

Segundo Maturana (1988), "A emoção básica que nos torna seres humanos sociais - por meio da especificação do espaço operacional de mútua aceitação - é o amor. Ele é a emoção que constitui o domínio da aceitação do outro em coexistência próxima. Sem um desenvolvimento adequado do sistema nervoso no amor, tal como é vivido no brincar, não é possível aprender a amar e não é possível viver no amor".

Nós compreendemos que a passagem deste ciclo familiar vital - a adolescência e a juventude, no brincar dos pais com os filhos e na sua relação com a família, como um espaço de convivência e formação de vínculos afetivos para toda vida, onde o amor incondicional dos pais, com seus limites e valores, é fundamental.

A tarefa da Família EPB persiste ao acreditar que muitas mudanças que ocorrem em nosso tempo atual, dinâmico, tecnológico, são protagonizadas pelos jovens.

O investimento dos pais nos adolescentes e jovens requer reflexão sobre o seu papel parental e a transmissão de valores que são resgatados ao longo da vida.

Nossa gratidão a todos que, com amor e generosidade, contribuíram para a construção desta revista. Boa leitura!

Zenilda Barbosa Castelo Branco
Alexandre Carlos Castelo Branco
Casal Diretor Presidente

ÍNDICE

- 04** GALERIA DE FOTOS E ATIVIDADES DA SECCIONAL CURITIBA DA ESCOLA DE PAIS DO BRASIL
- 08** SAUDAÇÕES DA ESCOLA DE PAIS DO BRASIL
- 10** ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: COMO FAZER DO PERCURSO AS PREMISSAS PARA ESCOLHAS FUTURAS?
- 12** DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE
- 14** ADOLESCÊNCIA: SEGUINDO MODELOS
- 15** JOVENS DO FUTURO: NOSSO MAIOR INVESTIMENTO
- 18** ADOLESCÊNCIA: UM PERCURSO A SER FEITO COMO INVESTIMENTO PARA O FUTURO
- 20** ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: GERAÇÕES DISPOSTAS A FAZER A DIFERENÇA NA SOCIEDADE
- 21** O AJUSTE DE PASSOS: AGRADÁVEL TAREFA TRANSGERACIONAL
- 23** PROTEGER OU NÃO PROTEGER? EIS A QUESTÃO
- 24** RELAÇÃO PAIS-FILHOS NA TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA
- 26** ACOLHER É AMAR
- 27** FAMÍLIAS POR ADOÇÃO: MUITO ALÉM DO ESTEREÓTIPO
- 29** FAMÍLIA E ESCOLA, UMA PARCERIA OU UMA ALIANÇA?
- 31** ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: A IMPORTÂNCIA DO APOIO INTRA E EXTRAFAMILIAR PARA UM DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL
- 33** A MANIFESTAÇÃO UNIVERSAL E OS FATORES DE PROTEÇÃO DA INTERNET GAMING DISORDER
- 36** I-DOSER – DROGAS DIGITAIS: ILUSÃO OU REALIDADE?
- 39** ADOLESCER: A DOR DE SER
- 41** ABUSO E EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM TEMA A SER DISCUTIDO
- 43** DO VISÍVEL AO INVISÍVEL: NASCE UMA OUTRA EDUCAÇÃO
- 45** O QUE É A ESCOLA DE PAIS DO BRASIL

GALERIA DE FOTOS EPB CURITIBA



Revisão Estadual do Paraná • Junho 2021



50º Seminário Regional Seccional Curitiba • Agosto 2021

Post 50º
Seminário
Regional da
Seccional
de Curitiba
Agosto
2021



VIII Revisão da Região Sul • Setembro 2021



Programa de Integração - Módulo 2
Setembro 2021

Confraternização após Revisão
Nacional On-line • Fevereiro 2022

Revisão Estadual do Paraná
Maio 2022

CÍRCULOS DE DEBATES



Círculo de Debates on-line Turma 11
em parceria com a ESIC
Agosto e Setembro 2021



Círculo de Debates on-line Turma 3
em parceria com Colégio Passionista
Nossa Senhora Menina
Março e Abril 2022



Círculo de Debates on-line Turma 5
em parceria com E. M. Profª Sônia
Maria Coimbra Kenski
Abril e Maio 2022

ATIVIDADES E PARTICIPAÇÕES DA EPB SECCIONAL CURITIBA



Acordo de cooperação entre EPB Seccional de Curitiba e Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, representada pela coordenadoria de Equidade, Famílias e Rede de Proteção (CEFAR) - Budel, Sueli e Zenilda • Fevereiro 2021



Apresentação EPB para ESIC Business & Marketing School
Julho 2021



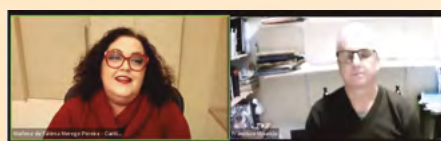
Confraternização de encerramento
Atividades 2021



Sarau de encerramento
Atividades 2021



Confraternização
Março 2022



Participação no canal do Youtube
PlenaMente Psicanálise • Junho 2022



Homenagem do vereador Tito Zeglin pelos 58 anos de trabalho da EPB Curitiba • Junho 2022



Festa Junina • Junho 2022



OUTRAS ATIVIDADES E PARTICIPAÇÕES ON-LINE DA SECCIONAL CURITIBA



- Revisões locais on-line em Julho 2021 e Maio 2022;
- Participação no Programa de Integração da EPB Nacional - Julho 2021;
- Apresentação da EPB para CEFAR em julho 2021: Coordenadoria de Equidade, Famílias e Rede de Proteção da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba/PR;
- Entrevista de Marlene na Rádio Paraná Educativa AM 630 no programa Justiça para Todos, em parceria com o AMAPAR – Associação dos Magistrados do Paraná - Agosto 2021;
- Participação on-line na 2ª Revisão Regional de Alagoas - Agosto 2021;
- Participação on-line na Revisão Estadual da Bahia - Agosto 2021;
- Participação on-line na Revisão Estadual de Goiás - Agosto 2021;
- Participação on-line na 1ª Revisão Inter-Regional Pernambuco, Paraíba, Minas Gerais e São Paulo - Setembro 2021;
- Participação on-line no Seminário e lançamento da revista Seccional de Herval d'Oeste e Joaçaba/SC - Setembro 2021;
- Participação no Workshop On-line para Lideranças da EPB: A EPB Que Sonhamos com Juliana Polloni - Outubro 2021;
- Entrevista de Marlene para editorial Sempre Família do jornal Gazeta do Povo - Outubro 2021;
- Entrevista de Marlene no programa Canal Livre de rádio da Paraíba - Outubro 2021;
- Curso on-line de formação - Os desafios da EPB - Rotas a serem traçadas - Outubro 2021;
- Participação on-line no 51º Seminário da EPB Belo Horizonte - Novembro 2021;
- Participação on-line no 48º Seminário da EPB Salvador - Novembro 2021;
- Participação on-line no 40º Seminário da EPB Goiânia - Novembro 2021;
- Programa de Integração - Módulo 2 - Novembro 2021;
- Participação de Carolina no curso on-line sobre o moodle - Dezembro 2021;
- Reunião de Zenilda, Alexandre e Marlene com direção e apresentação para pais da Escola Municipal Profª Sônia Maria Coimbra Kenski - Fevereiro e Março 2022;
- Votos de congratulações e aplausos, em 28 de março de 2022, pela Câmara Municipal de Curitiba, por solicitação do vereador Sidnei Toaldo, pelos 58 anos de serviços prestados às famílias curitibanas;
- Apresentação da EPB por Sueli na Igreja Santa Margarida - Abril 2022;
- Apresentação da EPB por Ariston para liderança do Encontro de Casais da Igreja Presbiteriana de Curitiba - Abril 2022;
- Apresentação da EPB por Zenilda, Alexandre e Marlene para Escola Frei Eugênio, apoiada pelo Grupo Educacional Bom Jesus - Maio 2022;
- Participação on-line da Revisão Interestadual EPB - Nordeste 2022 - Maio 2022.

... E OUTRAS PARTICIPAÇÕES EM PALESTRAS, SEMINÁRIOS E WEBINARS REALIZADAS ON-LINE POR DIVERSAS SECCIONAIS DA ESCOLA DE PAIS DO BRASIL.

Le Réchaud



Fondue · Crepes · Carnes · Vinhos
em um lugar aconchegante



Rua Julia Wanderley, 1050 - Mercês
41 3339-6006 · 99974-1687



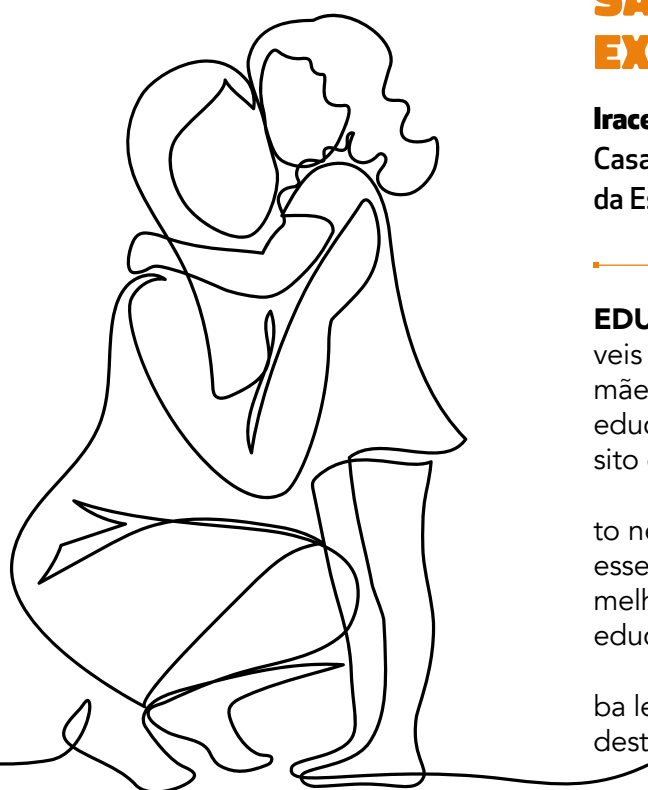
SAUDAÇÕES DA ESCOLA DE PAIS DO BRASIL



SAUDAÇÃO DA DIRETORIA EXECUTIVA NACIONAL EPB

Iracema e José Alberto Wobeto

Casal presidente da Diretoria Executiva Nacional
da Escola de Pais do Brasil



EDUCAR os filhos para serem felizes, socialmente responsáveis e emocionalmente equilibrados deve ser o sonho de cada mãe e cada pai que ama seus filhos. Colaborar com os pais e educadores para que consigam realizar este sonho é o propósito da Escola de Pais do Brasil – EPB.

Como tornar este sonho possível? Com o conhecimento necessário! Dedicção, tempo, carinho e amor também são essenciais, sabemos. Porém, entender e ter certeza sobre o melhor caminho a seguir, facilita demais esta nobre missão de educar.

É esta a contribuição que a Seccional da EPB de Curitiba leva à sociedade, pela 51ª vez, por meio de seu seminário e desta revista maravilhosa. Que tema instigante e necessário!

Pais, educadores e sociedade percebem na adolescência e na juventude de seus filhos - frutos que estão amadurecendo - o resultado da educação, do cuidado e do amor investidos durante tantos anos, desde antes da concepção. É um percurso dos mais gratificantes, mas recheado de desafios e dúvidas, para os quais os pais e educadores necessitam preparar-se todos os dias.

Investir em conhecimento durante este percurso é preparar o futuro desejado. Investir na própria evolução é responsabilizar-se pela evolução das crianças que estão sob o nosso cuidado.

Muito obrigado aos associados da EPB de Curitiba por nos presentear mais uma vez com sua generosa contribuição. A você, leitor, desejamos uma boa leitura, certos de que este é um certo investimento no futuro de suas crianças, adolescentes e jovens! Grande abraço a todos!



SAUDAÇÃO DO CONSELHO DE EDUCADORES

Cinthia e Célio Alves de Oliveira
Casal Presidente do Conselho de Educadores

NESTA 51ª edição do Seminário Regional da EPB Seccional de Curitiba, com o lançamento de sua tradicional Revista anual, a EPB demonstra sua força e coesão ao abordar o instigante tema “Adolescência e juventude - como fazer do percurso um investimento para o futuro”.

Quais habilidades precisam ser desenvolvidas e que valores devem ser cultivados ao longo do percurso para viabilizar um futuro de sucesso? As discussões promovidas a partir dos artigos aqui publicados refletem a preocupação com o esclarecimento de um assunto tão sensível a todos os pais e educadores engajados na difícil tarefa de preparar as novas gerações para um futuro cada vez mais incerto. A todos que, direta ou indiretamente, têm contribuído para o engrandecimento da EPB, mais especificamente aos associados da seccional de Curitiba, aos parceiros e amigos, nosso carinhoso abraço.



SAUDAÇÃO DO CONSELHO CONSULTIVO

Regina e Armando Gabriele
Casal Presidente do Conselho Consultivo

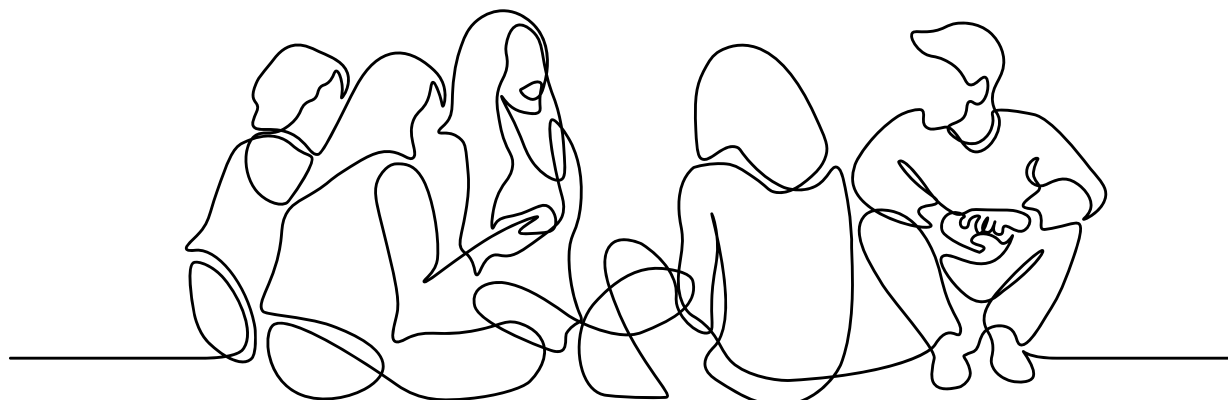
NÓS, como Casal do Conselho Consultivo, externamos nossos cumprimentos à Seccional de Curitiba pelo 51º Seminário Regional.

O tema escolhido para compor seus trabalhos representa os anseios de pais, mães e educadores.

Falar sobre Adolescência é falar sobre renascimento. “Adolescer é Renascer”!

Renascer significa nova vida, nova estrada, novo caminhar, um novo desafio.

E nós, da EPB, estamos sempre em busca do novo, renascendo para um novo olhar na educação, com novas propostas e novos rumos, aprendendo cada vez mais para sermos referência em temas educacionais. Temos certeza do sucesso deste seminário, que foi feito com carinho, riqueza de detalhes, buscando o aprimoramento do conteúdo. Parabéns, amigos da Seccional de Curitiba!



ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: COMO FAZER DO PERCURSO AS PREMISSAS PARA ESCOLHAS FUTURAS?



Por **Angela Mendonça**

E AGORA? Os filhos e filhas cresceram, você também! Certamente, não é mais o mesmo pai ou a mesma mãe de 14, 15 anos atrás. Alguns dos seus planos e projetos podem ter estacionado no fluxo do tempo. Outros, podem ter simplesmente mudado de direção.

Você já deve ter se perguntado: “a esta altura da vida familiar, onde está aquela garotinha afetuosa e carinhosa? Por onde anda aquele menino que vivia “pendurado em mim”, pedindo insistentemente para me acompanhar? O “grude” era tanto que por um tempo o apelido era “chaveirinho”.

Agora, na adolescência e juventude, nesta idade que é passagem, afirmação, experiência iniciada de emancipação e construção de autonomias, eles trazem suas mochilas, celulares, agendas, amigos, interesses pessoais e vão, ao revel de nossas opiniões, construindo suas identidades e seus cotidianos. Já não nos querem tanto por perto, mas também se ressentem do distanciamento: ambiguidades da fase.

Estabelece a legislação brasileira (Estatuto da Criança e do Adolescente ECA - Lei Federal 8069/90 e Código Civil brasileiro) que crianças e adolescentes têm o direito à presença dos adultos em seu processo

formativo, como condição inexorável ao tempo humano infância e adolescência.

Ao estabelecer a obrigatoriedade da chamada “Pedagogia da Presença”, da família como primeira instituição nos deveres civilizatórios e de guarda, alimento e educação dos filhos, a lei brasileira estabelece e reafirma o preponderante papel familiar como um DIREITO das crianças e dos adolescentes.

Estabelece a legislação pátria no artigo 4º que: “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.”

Neste sentido, se posiciona o Procurador de Justiça Dr. Murillo José Digia como:

“Em outras palavras, toda criança e/ou adolescente tem o direito a receber, em primeiro lugar (e acima de tudo) de seus pais ou responsável, demais familiares adultos, educadores e autoridades em geral, as orientações necessárias sobre seus direitos - e consequentes deveres para com os demais cidadãos, cabendo a todos, na mais pura dicção do art.227, caput da Constituição Federal e arts.4º caput, 53 e 70 do Estatuto, o dever de corrigir aqueles quando da prática de atos de indisciplina e/ou infracionais, devendo sua ação ser realizada em regime de colaboração e com a utilização de recursos sociopedagógicos que venham a ser disponibilizados pela comunidade ou pelo Poder Público, na forma do estabelecido pela política de atendimento local (vide art.86 da Lei nº 8.069/90).

A natureza jus pedagógica do ECA, serve então como “lâmparina” para as famílias brasileiras. Tantas foram as ocasiões em que pais, mães, avós, educadores me perguntavam com entusiasmo: “Então o ECA permite que eu corrija os meus filhos? Se eu o fizer, não estarei sujeito às ações do Conselho Tutelar, Ministério Público ou outros atores de proteção?”. Por certo que estes órgãos e suas representa-

ções somente agirão se houver excessos no dever de correção, se forem utilizadas estratégias degradantes e violadoras de direitos ou se forem identificadas condutas vexatórias e/ou discriminatórias.

A presença positiva (inclusive estabelecendo limites, exercitando “o que pode e não pode”) das famílias no processo de desenvolvimento das crianças é mais do que um direito, trata-se de dever ético, social e jurídico. Por meio da família, pode-se vivenciar a presença daqueles que realmente se importam. Quem observa, dialoga, insiste, repete, argumenta, demonstra cotidianamente presença efetiva, presença-presente e responsabilidade afetiva. E isto pode e deve ser feito não apenas pelos genitores, mas também pela chamada família extensa (avós, tios, tias) e família afetiva (padrasto, madrasta, madrinhas) com quem crianças e adolescentes tenham vínculos de afetividade e afinidade.

Possivelmente, crianças que experimentaram na infância as experiências de segurança emocional, vivências e convivências respeitadas, exemplos reais em cotidianos éticos do cuidado mútuo, estarão fundamentadas e engajadas em um caminho de crescimento e amadurecimento seguros.

Quanto maior o legado vivido em um processo civilizatório humanizador e respeitador das diversidades, singularidades, limites egocêntricos, bem comum e de reconhecimento dos “outros”, mais consistentes são as premissas para o crescimento integral dos adolescentes e jovens na contemporaneidade.

Esses fundamentos não devem, entretanto, esgotar-se aos 12 ou 13 anos. São necessidades humanas ainda mais necessárias na adolescência e juventude quando há que se confrontar solitariamente

entre “o certo e o errado” no grupo de amigos, o ético ou não ético nas redes sociais, “empático ou não empático” na escola.

Por isso, família, não abra mão das conversas à mesa, do abraço festivo ao chegar em casa, da pergunta direta na hora da dúvida e da indireta no momento do apoio. Em todos os tempos humanos “nossos filhos serão nossos filhos” e, mesmo após os 18 anos, quando a sonhada maioridade civil amanhecer faceira num dia qualquer da semana, ainda serão nossos filhos e teremos sempre responsabilidade afetiva e ética, dever de cuidado e de presença.

Nossas histórias, exemplos, vivências, abraços, manias, serão a lamparina da “autoridade perene” em suas memórias. Lá é que irão buscar as referências para seus relacionamentos amorosos, também por lá compreenderão os deveres e responsabilidades da vida adulta, do autorrespeito e autoestima, do poder da palavra dada, do trabalho realizado, do esforço e do sabor das conquistas alcançadas.

Pelo “DIREITO DE SER CORRIGIDO” reconhecerão que todas as pessoas são importantes, têm dignidade e merecem respeito. Em casa, na rua, no trânsito, no elevador, na fila do supermercado, no trabalho, farão emergir o maior legado que se pode deixar aos filhos. Presença que se faz presente!

-

Angela Mendonça

*Pedagoga, bacharel em Direito, especialista em Planejamento e Administração Pública e especialista em Direito Educacional. Chefe do Departamento de Políticas Públicas para Criança e Adolescente da Secretaria de Justiça, Família e Trabalho do Paraná (2019 a 2022) e presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Estado do Paraná (2020 e 2022).
E-mail: angela.mendonca13@yahoo.com.br*



VIAJE PELO Brasil

DESCUBRA UM PAÍS INCRÍVEL. CONHEÇA Nossos DESTINOS NACIONAIS.

Lou Fernandes viagens
41 99175-5966

loufernandesviagens

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE



Por **Marlene de Fátima
Merege Pereira**

ADOLESCÊNCIA e juventude são períodos de transição entre a infância e a fase adulta. Evidentemente, envolvem desafios e oportunidades, tanto para quem está nelas como para quem convive com pessoas nestas etapas. Fases que têm seus encantos, suas necessidades, peculiaridades e muitas dúvidas.

Como preparar as pessoas mais importantes da nossa vida em uma sociedade em plena transformação e numa velocidade nunca imaginada, com demandas diferentes, outros comportamentos e sem ideia do futuro? É assustador. No entanto, temos uma missão a cumprir e a paralisação está longe de ser uma boa opção.

Acredito que uma boa opção é investir no percurso. Como seres humanos, temos a tendência, muitas vezes, de focar na chegada e nos esquecemos de investir e até mesmo de aproveitar o percurso. Desfrutar do percurso, muitas vezes, nos oportuniza identificar a necessidade da mudança de rota e ter um melhor resultado.

Atualmente, o investir envolve muitas frentes, tais como: cuidados com o bem-estar físico – alimentação, atividades físicas e relaxamento; saú-

de mental – compreender/administrar emoções e sentimentos; inteligência emocional – desenvolver as competências e habilidades emocionais e socioemocionais. Além, é claro, do preparo intelectual para um trabalho no futuro, que já não segue a mesma lógica vivida por nossos pais e, com certeza, será diferente da nossa também.

Saúde mental e inteligência emocional são assuntos recentes e para cuidar da saúde psíquica, desenvolver as competências e habilidades emocionais/socioemocionais dos adolescentes e jovens, é necessário começar por nós adultos. É fácil? Não. Possível? Com certeza. Trata-se de um exercício diário que demanda muita perseverança, pois mudança comportamental demanda tempo. Lembrando que, hoje o mercado de trabalho já considera, e muito, as competências e habilidades pessoais/sociais e profissionais, que podem ser desenvolvidas.

As habilidades socioemocionais precisam ser trabalhadas diariamente, como qualquer outro conteúdo escolar. Seus benefícios são certos, especialmente para a redução dos problemas com *bullying*; o desempenho acadêmico; a compreensão e a resolução de problemas; a criatividade para lidar com as situações do dia a dia, lidar com as frustrações e obstáculos cotidianos, o convívio em sociedade, trabalhar em equipe, foco e concentração, mais resiliência e determinação e aumentar o respeito por outras pessoas.

Alguns requisitos são necessários para desenvolver habilidades socioemocionais na família para a formação de filhos emocionalmente saudáveis: presença com qualidade, paciência, participação nas atividades, exemplos, elogios, definição de limites, rotinas, divisão de tarefas – os chamados acordos de convívio. Além disso, as habilidades associadas às competências socioemocionais contribuem para a autoconsciência, autorregulação, o convívio social, a empatia, a compaixão, o altruísmo e a resiliência.

A resiliência faz toda a diferença na gestão das emoções, no aumento da tolerância a frustrações e, conseqüentemente, na proatividade, produtividade, criatividade e nos relacionamentos. Encerro esta

pequena reflexão com a certeza de que a FAMÍLIA:

- Deve ser o ESPAÇO em que os adolescentes e jovens sintam-se acolhidos, seguros, possam se desenvolver/preparar para um percurso saudável rumo ao futuro e tenham a certeza de que seu lar é o ponto de partida, de chegada e de permanência, independente do formato;
- Deve dar a devida importância ao desenvolvimento e/ou fortalecimento da inteligência emocional, que pode ser definida como a capacidade que um ser humano tem de lidar com as emoções;

- Deve ter redes de apoio. Rede de apoio facilita e contribui para uma educação mais assertiva, sendo que a escola é a rede de apoio mais próxima.

A Escola de Pais do Brasil também pode se tornar uma rede de apoio importante, especialmente por meio do site e dos Círculos de Debates.

-

Marlene de Fátima Merege Pereira

Associada da Escola de Pais do Brasil Curitiba

E-mail:marlenefmpereira@gmail.com

Referências

CURY, Augusto. *Gestão da Emoção*. São Paulo: Editora Benvirá, 2015.

CURY, Augusto. *Inteligência Socioemocional: ferramentas para pais inspiradores e professores encantadores*. São Paulo: Editora Sextante, 2019.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. São Paulo: Editora Objetiva, 1996.

GOLEMAN, Daniel. *O Cérebro e a Inteligência Emocional*. São Paulo: Editora Objetiva, 2012.

HOFFMAN, Mary. *O grande livro das emoções*. São Paulo: Editora Paulinas, 2013.

Material Escola de Pais do Brasil.

PEREIRA, Cristina; VALCÁRCEL, Rafael. *Emocionário: diga o que você sente*. São Paulo: Editora Sextante, 2018.



DePropósito
Comunicação de Causas

“ comunicação para organizações e negócios sociais

- 1  Assessoria de Imprensa
- 2  Produção de Conteúdo
- 3  Consultoria em Comunicação
- 4  Treinamentos



www.depropositocomunica.com
41 98824-3994

ADOLESCÊNCIA: SEGUINDO MODELOS



Por **Regina Rempel**

NA FASE da adolescência, o ser humano tem uma grande necessidade de seguir modelos, exemplos de vida que poderão servir de inspiração para firmar sua identidade, tendo um peso fundamental na determinação de um futuro bem-sucedido ou não.

O significado específico neste período da vida está baseado nas experiências com pessoas significativas próximas. Esses modelos de pessoas podem surgir a partir do fortalecimento de vínculos com familiares, amigos, professores, conhecidos ou até mesmo de forma fictícia e animada como, por exemplo, com personagens de filmes e jogos.

Na ausência de exemplos positivos de pessoas próximas ao adolescente ou consideradas "desinteressantes, chatas, irrelevantes" para suas vidas, os jovens têm recorrido a inspirações no mundo fictício dos jogos virtuais, filmes e demais personagens inanimados. Elas são muito mais atraentes e oferecem subsídios para viver num mundo irreal, avaliada como a melhor e mais estimulante porção que a vida real lhes oferece.

Modelos reais são necessários para solucio-

nar atuais crises em um mundo tomado por conflitos, terror, guerra, destruição, injustiças sociais, problemas econômicos, pandemias, carências emocionais, indecisões profissionais e muito mais. Isso estimula virtudes como enfrentar desafios, vencer os medos, proteger os mais fracos, defender ideais, combater as injustiças, manter a estabilidade emocional, conquistar sonhos e o que mais for necessário. Mais do que ídolos, são modelos a serem respeitados e imitados, no entanto, não são desprovidos de medo, derrotas e problemas e, justamente por isso, são fonte de coragem e servem de inspiração.

Estes são investimentos ligados à superação de adversidades, à construção de identidade pessoal, aos elementos de ética, moral, justiça, ao enfrentamento de medos, de situações de violência, entre outros que servirão de subsídio para a formação da identidade do adolescente.

Por isso a importância de exemplos e referências positivas no desenvolvimento de valores morais, tais como: coragem, honestidade, justiça, respeito, solidariedade, entre outros atributos que promovem capacitação, qualidade de vida, bem-estar coletivo e resiliência pessoal ou da comunidade. Isso auxilia adolescentes a enfrentarem o sofrimento das incompreensíveis adversidades sociais e emocionais que vivenciam e observam, ajudando no amadurecimento e nas mudanças que enfrentam.

Projetar estes modelos de superação e possibilitar que os adolescentes em momentos vulneráveis de suas vidas se inspirem para superar sofrimentos pode ser um motor propulsor para fazer uma "virada" de grande significado para o resto de suas vidas, dando-lhes uma perspectiva de sonhos que podem se tornar realidade em um futuro muito próximo.

-

Regina Rempel

Assistente social e fundadora do Instituto Construindo um Lugar Seguro.
E-mail: contato@lugarseguro.org

JOVENS DO FUTURO: NOSSO MAIOR INVESTIMENTO



Por **Bruno Chepanck dos Santos**

O QUE esperar das próximas gerações? Pois bem, esta é uma pergunta que parece ser simples, mas não é, pois sabemos que os jovens de hoje serão o futuro do amanhã e, nesse contexto, precisamos lidar com diversos fatores para que eles sejam uma geração com grandes êxitos, tanto na vida pessoal, familiar, amorosa, profissional quanto na financeira.

Ocorre que precisamos analisar vários contextos sociais que afetam diretamente o desenvolvimento da próxima geração, dentre elas se destacam a tecnologia, que muda de forma muito rápida, mundo virtual que diminui o contato pessoal, esfriando dessa maneira as relações interpessoais, perdendo até mesmo o contato da expressão dos sentimentos e emoções que acontecem de forma presencial. Além do mais, sabemos que, por causa da tecnologia, muitos jovens preferem ficar sozinhos a conviver em grupo, o que gera jovens com grande depressão e, muitas vezes, sem o devido sentido de sua existência e seu propósito.

No entanto, gostaria de destacar que a base familiar é muito importante para o contexto social, pois são passados valores morais, éticos e princípios de vida. É no anseio da base familiar que o indivíduo se forma e, com essa premissa, devemos dar importância

ao desenvolvimento das famílias, para que os pais se encarreguem de transmitir aos jovens as boas práticas de condutas, independente de religião adotada.

Assim, no futuro breve, teremos grandes homens e mulheres em nossa sociedade buscando sempre evoluir para melhor, com mais motivação para estudo, trabalho e convívio entre família e amigos. O mais importante são pequenos gestos e ocasiões que não necessitam de muitos recursos financeiros, pois o nosso tempo vale muito, por isso, saiba desfrutá-lo da forma correta. A nossa companhia vale muito, escolha bem as pessoas para ter perto de você.

Hoje se vê jovens querendo escolher sua profissão com base no quanto vai ser remunerado pelo que faz, e não escolhendo fazer algo de que gosta, o que gera insatisfações para boa parte das pessoas, pois esquecem que terão que trabalhar aproximadamente 35 anos de suas vidas. Escolher algo pelo dinheiro e não pela satisfação pessoal, afetará consequentemente, seu ambiente familiar, empresarial e os relacionamentos em geral.

Mas a pergunta é: de onde vem todo ensinamento no que diz respeito às escolhas dos jovens sobre o que ser e o que fazer? Nem sempre isso é ensinado no ambiente familiar, mas, sim, sendo imposto pela sociedade que julga as pessoas pelas aparências, local onde moram, carro que utilizam, onde estudam. Tudo isso são preceitos pré-concebidos pelo ideal de que você é pelo que tem e não pelo ser que é de fato. Por isso, a boa base familiar é importante para auxiliar nessa condição imposta pela sociedade do que deve fazer ou não, tirando a liberdade das escolhas do jovem.

Portanto, devemos orientar os jovens, da melhor forma, a serem boas pessoas, para se tornarem bons filhos, bons pais, bons amigos, bons funcionários, bons empresários, enfim, que sejam cidadãos exemplares para que sejam espelho para os demais, sendo sempre o objetivo maior fazer o bem a si mesmo e ao próximo. Dessa maneira, as futuras gerações sempre serão o maior investimento a ser feito pela humanidade.

Bruno Chepanck dos Santos

Associado EPB Seccional Curitiba. E-mail: brunonck89@gmail.com



Programa Jovem Aprendiz: O início da jornada profissional

A inserção de um jovem no mercado de trabalho não é tarefa fácil.

A compreensível falta de experiência de quem está iniciando sua jornada laboral juntamente com as dúvidas sobre qual carreira profissional seguir, dificultam ainda mais a busca pelo primeiro emprego.

Por conta disso, o poder público instituiu, por meio da Lei nº 10.097/2000, o Programa Jovem Aprendiz.

O Programa Jovem Aprendiz é uma iniciativa governamental que visa a capacitação e inserção dos jovens no mercado de trabalho. Este programa traz benefícios tanto para os adolescentes que, ainda sem experiência, buscam oportunidades profissionais, quanto para as empresas empregadoras, as quais usufruem das vantagens inerentes a essa modalidade de contratação.

Pode ser um aprendiz, em regra, o jovem de 14 a 24 anos que frequenta o ensino fundamental, médio ou superior.

Conheça alguns dos deveres e direitos do jovem aprendiz:

Deveres:

- Estar matriculado e frequentando a escola, salvo se já tenha concluído o ensino médio;
- Frequentar corretamente o curso conveniado ao programa, podendo ter o contrato de trabalho rescindido caso não mantenha frequência mínima;
- Cumprir o acordado em seu contrato de trabalho, respeitando as regras da empresa à qual realiza suas atividades.

Direitos:

- Ter a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) assinada;
- Modalidade de contrato de trabalho especial, por prazo determinado;
- Garantia do pagamento do salário mínimo proporcional à hora trabalhada;
- Função compatível com o curso de aprendizagem;
- Jornada de trabalho de 6 horas, se estiver cursando até a 9ª série, e de 8 horas, se estiver cursando o Ensino Médio;
- Proibição da realização de horas extras ou compensação de horas;

- Proibição de trabalhar em locais perigosos ou insalubres.
- Vale-transporte, tanto para a empresa em que trabalha quanto para a instituição de ensino em que estuda;
- Recolhimento do FGTS;
- Décimo Terceiro Salário;
- Férias com adicional de um terço a mais sobre o salário e, de preferência, durante o recesso escolar;

Em maio deste ano a Lei do Jovem Aprendiz sofreu consideráveis alterações por meio da Medida Provisória nº 1.116. Dentre as mudanças está a duração do contrato de aprendizagem profissional, que antes era de 2 anos e agora passa a ser de 3 anos ou, ainda, de 4 anos em casos específicos e a possibilidade de ser um jovem aprendiz até os 29 anos caso a atividade a ser desempenhada seja vedada a menores de 21 anos de idade.

Todavia, é importante ressaltar que a Medida Provisória nº 1.116 não tem caráter definitivo, razão pela qual as alterações têm validade de 60 dias, podendo ser prorrogadas por mais 60 dias. Ao final deste prazo, caso a MP nº 1.116 não seja convertida em uma Lei, todas as suas disposições são automaticamente revogadas.

Escaneie os códigos com a câmera de seu celular:



Guia Prático Valorizando o Trabalho do Aprendiz.
Brasília/DF, 2021.



Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000.
Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.



Medida Provisória nº 1.116, de 4 de maio de 2022.
Institui o Programa Emprega + Mulheres e Jovens e altera a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

@cassuli.adv

Cassuli Advocacia e Consultoria

Cassuli Advocacia e Consultoria

www.cassuli.com.br (47) 2106-1300



Cassuli
ADVOCACIA E CONSULTORIA
OAB/SC - 397/99

AO SEU LADO PARA
transformar
A SUA **história.**

INSTITUTO
IBGPEX
DE RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL



ADOLESCÊNCIA: UM PERCURSO A SER FEITO COMO INVESTIMENTO PARA O FUTURO



Por **Maria de Fátima e Idovino Baldissera**

ADOLESCÊNCIA é uma fase da vida que, embora curta em relação às demais, é muito importante para o desenvolvimento pleno do ser humano.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), esse é o período subsequente à infância (12 anos, mais ou menos) e vai até o início da fase adulta (18 anos mais ou menos). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência vai dos 10 aos 19 anos, considerando dos 15 aos 20 anos o período denominado juventude. Quando analisa-se a adolescência como fase da vida, precisa-se considerar que:

A O desenvolvimento humano, físico/emocional é um processo que tem seu funcionamento complexo, envolve vários fatores genéticos, fisiológicos e sociais e pode variar de pessoa para pessoa e da cultura de um grupo para outro.

B O desencadeamento da adolescência depende de fatores genéticos, culturais e sociais, pois estes influenciam e determinam costumes.

C Os organismos reguladores (OMS, ECA, entre outros) estabelecem critérios para regulamentar tratamentos físicos e psicossociais em vista de direitos civis.

D As entidades, entre elas a Escola de Pais do Brasil (EPB), entendem que a adolescência é uma fase de desenvolvimento da vida que merece atenção especial.

Na convivência social, existem alguns “preconceitos” em relação à adolescência, a ponto de algumas pessoas chamarem este período de “aborrescência”. Evidencia-se aqui a falta de compreensão e até um certo temor por esta fase da vida.

Ao observar, na prática, o desenvolvimento humano na adolescência torna-se um período rico, fértil e de grande importância para a construção de um adulto saudável. Os desenvolvimentos físico, fisiológico, psicológico e social acontecem simultaneamente, logo, a preocupação deve ser com o desenvolvimento integral do ser humano e é a tarefa primordial de cada pai, mãe, educador ou quem seja responsável por cuidar do crescimento e do desenvolvimento de adolescentes.

Cada fase da vida tem particularidades que devem ser consideradas. No caso da adolescência, o essencial é estar presente em todos os momentos possíveis e saber dar a atenção e a orientação precisa em cada ocasião. Percebe-se que os diferentes aspectos do crescimento não acontecem em sequência, mas em paralelo. Logo, o que aparece nos aspectos físicos estão intrinsecamente ligados a aspectos fisiológicos, que envolvem o desenvolvimento hormonal.

O crescimento físico que se desencadeia por volta dos 11 e 12 anos torna-se visível com o aumento da estatura física, porém, simultaneamente, ocorre o crescimento de pelos pubianos, alargamento dos quadris (feminino) e dos ombros (masculinos). As glândulas internas desenvolvem-se em cadeia produzindo hormônios que geram efeitos como interesse pelo sexo oposto, em geral, também pelo mesmo sexo, gerando afetividade e despertando as necessidades sexuais e emocionais não sentidas antes. Isto gera instabilidade emocional e social (fossas, isolamentos), nasce o interesse por causas sociais e preocupações com o futuro (definir profissão). Aspectos psicológicos como a construção e efetivação de escala de valores, juízos morais e também aspectos sociais se manifestam com a necessidade de formar grupos de iguais seletivos de amigos/inimigos e participação em atividades coletivas (esportes, lazer, ações sociais).

Pode-se afirmar que neste curto espaço de tempo da adolescência, que dura, em média, cinco a seis anos, a criança torna-se adulta e tudo o que ela aprendeu na infância será o suporte para enfrentar a adolescência. Tudo o que aprender nos primeiros anos será suporte

para a fase adulta e tudo o que aprender na fase adulta será suporte para a maturidade, logo, em cada fase do desenvolvimento humano nada é esquecido, mas incorpora-se a outros conhecimentos, tornando-se uma verdadeira construção. Como afirma o poeta espanhol Antonio Machado: "Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar".

Adolescer é crescer, desenvolver potencialidades, construir alicerces, edificar o futuro, por isso é tarefa árdua que deve ser tratada com muito esmero, dedicação e atenção. Os adolescentes não dizem o que querem e dizem o que não querem, mas demonstram o que desejam e repudiam o que não querem. Ouvem com facilidade quando se fala com afeto e não escutam quando se impõem verdades aos gritos.

Adolescente busca a autoafirmação testando-se e testando quem está perto. Ouve com atenção quem lhes devota carinho, confiança e lhes inspira segurança.

Prefere ser tratado com firmeza, mas com respeito, afinal, ao mesmo tempo que está buscando a identidade de adulto, ainda não superou totalmente a infância.

Amar o adolescente é ouvi-lo sem críticas, mas com orientações oportunas, estar com ele e caminhar ao lado dele. Sem se distanciar e sem atropelos, dar-lhe colo sem puxar as orelhas, murmurar suavemente aos ouvidos palavras de confiança e encorajamento.

É importante devotar tempo qualitativo e atenção privilegiada ao adolescente, demonstrando interesse por seus temores e dúvidas, acalmando suas angústias e medos, sendo firme sem perder a ternura, falando sério sem falar bravo ou com raiva. As palavras que tocam o coração iluminam a mente.

Maria de Fátima e Idovino Baldissera - Casal RN-SC
E-mail: idovino@infopasa.com.br

Referências

AHERN, CECILIA. P.S. *Eu Te Amo, existem amores que duram mais que uma vida*. Trad. Carolina Caires Coelho. Ribeirão Preto, SP, 2012.

ESCOLA DE PAIS DO BRASIL. *Educar, Um Desafio*, Coleção "Escola de Pais em Ação", São Paulo, 2006.

VALENTIM, NUZA TEREZINHA PINTO; VALENTIM, EMERY OSCAR. *Pais Filosofam Refletindo sobre as relações*. Florianópolis, SC: Sophos, 2003.



Companhia da Dança

BALLET CLÁSSICO
JAZZ
BALLET FITNESS

HORÁRIO DE ATENDIMENTO
SEGUNDA A QUINTA DAS 16H00 ÀS 20H30
SÁBADOS DAS 9H00 ÀS 12H00

INFORMAÇÕES
41 99966-1238
FACEBOOK.COM/ESCOLACOMPANHIAADANCA



ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: GERAÇÕES DISPOSTAS A FAZER A DIFERENÇA NA SOCIEDADE



Por **Tito Zeglin**

PARA MIM, é motivo de grande honra ser lembrado para colaborar com a revista anual da Escola de Pais do Brasil – Seccional Curitiba (PR), pela amplitude e relevância do trabalho prestado por esta importante entidade da nossa cidade.

Enxergo no tema proposto para este ano “Adolescência e juventude – Como fazer do percurso um investimento para o futuro?”, uma chave para este momento em que o mundo vive.

Sei que há muitos desafios, mas observo no meu dia a dia como é primordial dar vez e voz aos nossos jovens pelo grande potencial desta geração. Coincidentemente, quando fui convidado para escrever este artigo, recebi a ligação de um grande amigo meu, professor e diretor de uma escola de karatê de Curitiba, relatando que seus alunos (adolescentes e jovens) tiveram grande performance em uma competição na cidade de São Paulo. Ele fez questão de compartilhar isso comigo, pois disse estar muito satisfeito, não apenas pelos resultados dentro do tatame, mas pela capacidade de superação das adversidades impostas pela pandemia da

Covid-19. Por um grande período, eles ficaram sem poder treinar ou, no máximo, praticaram exercícios de forma paliativa, com treinos virtuais. Mesmo assim, demonstraram muita capacidade de foco nos seus objetivos.

Trago este exemplo prático, pois, muitas vezes, o senso comum define os jovens como “desinteressados”, ou que “só pensam em bobagens”. O grupo citado ilustra o lado positivo, no qual temos sim, uma grande quantidade de adolescentes e jovens querendo fazer a diferença neste nosso mundo. O engajamento em causas sociais, na preservação do meio ambiente e na aliança com aqueles que pensam de maneira diferente, sem preconceitos contra credos e raças, buscando a igualdade por meio das diferenças.

Assim como citei a referência de alunos de karatê, poderia ter mencionado outros tantos, como escoteiros, desbravadores, grupos de jovens ligados às igrejas, além de grêmios estudantis e centros acadêmicos. Por isso, sou um entusiasta de políticas públicas que tenham por objetivo contribuir para a formação e o bem-estar da nossa juventude, desde investimentos para implantar ou reformar uma praça, ofertas de cursos de artes e profissionalizantes até vivências com especialistas abordando as mais diversas questões de temas variados, condizentes com seus interesses.

Acredito que a grande chave é a inclusão, que faz com que os nossos jovens sintam-se incluídos na sociedade e sejam estimulados a desenvolver suas potencialidades. Da mesma forma que eles aprendem com os mais velhos, nós também temos muito a aprender com o potencial deles para, juntos, lutarmos por um mundo mais justo e fraterno, a começar pela nossa própria cidade. Por isso, afirmo, sem medo de errar, que vale muito a pena investir nos nossos adolescentes e jovens.

Tito Zeglin

Jornalista, radialista e vereador em Curitiba. E-mail: titozeglin@gmail.com

O AJUSTE DE PASSOS: AGRADÁVEL TAREFA TRANSGERACIONAL



Por Regina Célia Simões de Mathis

EM MARÇO deste ano, durante nove dias, pessoas de diferentes idades e do mundo todo estiveram reunidas na cidade de Austin, no Texas (EUA) para o maior festival de criatividade, cultura e inovação do ocidente, o SXSW (*South by Southwest*).

Executivos, investidores, cientistas, amantes das artes, do cinema, da música e da tecnologia, juntaram-se a aficionados por temas que irão impactar o futuro da humanidade, como mudanças climáticas, corrida espacial, futuro da Inteligência Artificial, multi-verso e metaverso, criptomoedas e tantos outros.

Nesse evento, Rohit Bhargava, um matemático estadunidense, nascido no Canadá e com origem indiana, em sua palestra, nos alertou para a necessidade de mantermos o foco nas pessoas e não na tecnologia. Quem tiver interesse por esse conteúdo, pode procurar artigos sobre a palestra dele no SXSW 2022: "10 Lições Não Óbvias de Rohit Bhargava".

Uma frase de Bhargava se encaixa no tema deste artigo: "Diante da abundância de dados e dos ruídos que nos impedem de discernir o que é valioso e autêntico, será cada vez mais necessário encontrar meios de enxergar o que os outros não estão enxergando, até para ajudar as pessoas a se sentirem capacitadas, informadas sobre determinados temas e aptas

a aprenderem em pouco tempo".

É certo que toda a humanidade teve incorporar em seu cotidiano novos hábitos relacionados ao trabalho, escola, lazer e a relacionamentos para ultrapassar o período pandêmico que enfrentamos. Todos fizeram isso, encantados ou assustados, mas, indubitavelmente, atrelados à tecnologia, que continuará a ser por muito tempo, e talvez para sempre, um dos grandes motores da humanidade e trará consigo grandes avanços e também inúmeros problemas novos.

Já estamos vivendo tempos em que ideias valiam mais do que objetos, e que uma mente criativa pode superar uma mente academicamente mais educada. São tempos de rupturas e transformações velozes e radicais que, paradoxalmente, nos colocam à frente da necessidade do desenvolvimento de novas habilidades, como, por exemplo, enxergar o que outros não enxergam, ou o que nossas crenças não nos permitem ver.

A maneira como cada pessoa reage a certos tipos de provocações, pressões ou problemas, vai determinar seu sucesso na vida pessoal, familiar e profissional. Alguém capaz de apresentar uma postura adequada aos estresses que a vida apresenta irá solucionar problemas de forma rápida e eficaz e reduzirá, portanto, desgastes desnecessários para si e para os outros.

Estudos atuais projetam que, em 2025, haverá no mundo cerca de 2,5 bilhões de pessoas pertencentes à geração Alpha, que compreende os nascidos a partir de 2010, e que não conhecem uma vida sem tecnologia. São adolescentes a quem o futuro pertence. Entre muitas características que os definem, são conectados, curiosos, têm consciência comunitária e cooperativa e maior dificuldade de concentração (penso que poderiam ser definidos pela letra C); convivem com o maior número de gerações: BB, X, Y, Z em casa, na escola e na sociedade. Possuem pensamento ágil e lógico, aprendem sozinhos, pois não sentem medo de experimentar, cultuam a independência, são empáticos e participam ativamente na construção do seu saber. Como não acreditar e torcer por jovens que trazem consigo características capazes de lidar com um mundo VUCA - Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo?

Lembremos, porém, que estes adolescentes e jovens percorrem um caminho inédito em 2022, diferente do percurso que seus pais e avós acreditavam

que os levaria ao sucesso. Pela primeira vez, em gerações, carregam consigo conhecimentos que superam os de seus pais, mas ainda assim não podem prescindir do apoio familiar: por serem seres em desenvolvimento e em transformação, ainda precisam de cuidados físicos e de segurança afetiva, tanto quanto jovens de um século atrás. Caminhos novos também trazem armadilhas e dificuldades que os que têm mais experiência podem detectar e evitar que causem pequenos ou grandes danos. Esse caminhar ao lado faz parte do papel de pais.

Frente a tantas e tão rápidas mudanças e exigências, pergunto aos pais e educadores: vocês já começaram suas mudanças internas para ajudar seus filhos? Se sim, lembrem-se de que sempre haverá um recomeço, já que nunca a vida deixará de evoluir. Mente aberta e alerta e pés fixos no chão são requisitos necessários para entender, acreditar e apoiar os novos comportamentos característicos da adolescência do terceiro milênio, desde que não firam a ética e a moral familiar e da sociedade, inegociáveis e imutáveis.

Para os que ainda não começaram, ou relutam em andar ao lado de seus filhos no percurso rumo à maturidade, algumas dicas que poderão tornar o necessário acerto de passos mais confortável:

Desapegue:

Não se deixe cegar por suas certezas ou saudosismo.

Treine de novo:

Faça coisas diferentes que tirem de sua zona de conforto. Use o relógio no braço contrário do habitual, tente andar (de modo seguro) de costas, treine escrever com a outra mão, estude um novo idioma, crie novas letras para músicas conhecidas.

Seja paciente e gentil com você mesmo:

Tenha em mente que mudança é um processo e leva tempo. Novos hábitos necessitam de repetições constantes. Gratifique-se por novos passos, fique feliz com pequenas conquistas.

Seja paciente e gentil com seu filho:

Olhe para ele, escute o que tem a dizer, aprenda com ele o que você não sabe, saboreie o novo.

Cultive:

Diálogo e bom humor.

Para terminar, volto a citar Bhargava: "Sabemos que as pessoas que podem se adaptar melhor são pensadores não óbvios, que prestam atenção ao que está acontecendo e tentam continuar a mudar".

Penso que prestar atenção ao que está acontecendo é

a chave para nos mantermos atualizados. Não vamos e nem precisamos, saber de tudo, mas podemos ajustar nossos passos para estarmos sempre ao lado de nossos filhos e netos num mundo que construímos juntos.

Regina Célia Simões de Mathis

Membro do Conselho de Educadores da Escola de Pais do Brasil. Atua como terapeuta de casal e de família, terapeuta interpessoal e terapeuta comunitária. E-mail: ceduc@gmail.com

Referências

- COMPORTAMENTO: 5 PASSOS PARA UMA MUDANÇA DE HÁBITOS. Mensch, 2021. Disponível em <https://revistamensch.com.br/comportamento-5-passos-para-uma-mudanca-de-habitos>
- O ESTUDO DO COMPORTAMENTO HUMANO NAS ORGANIZAÇÕES. Mundo Carreira, 2014. Disponível em "O estudo do comportamento humano nas organizações | Mundo Carreira"
- OS 10 COMPORTAMENTOS ESPERADOS DO PROFISSIONAL DO FUTURO. Alstratech, 2019. Disponível em <https://blog.alstratech.com/comportamentos-profissional-do-futuro>
- TENDÊNCIAS DO FUTURO (NÃO ÓBVIAS) PARA O COMPORTAMENTO HUMANO. Glicfàs, 2020. Disponível em <https://glicfas.com.br/tendencias-do-futuro-nao-obvias-para-o-comportamento-humano>

The advertisement for Monreale Persianas features a dark blue background. At the top, the company name "MONREALE PERSIANAS" is written in white, with a yellow square logo containing a white square. Below this, the logos for "HunterDouglas" (with a white circle logo), "santa mônica" (with a white "sm" logo and "tapetes e carpetes" below it), and "somfy" (in white lowercase letters) are displayed. At the bottom, there is a photograph of the Monreale Persianas store building at night, with its name and logo illuminated on the facade. The website address "www.monrealepersianas.com.br" is printed in white at the very bottom of the advertisement.

PROTEGER OU NÃO PROTEGER? EIS A QUESTÃO



Por **João Batista Athanásio**

PROTEGER ou desamparar os filhos é um dos temas mais recorrentes e mais críticos da cultura e da família nestes últimos tempos. A razão disso são os excessos, seja na superproteção ou no desamparo, que resulta na desconfiança.

A psicanálise chega a concluir que o mundo atual é de sujeitos desamparados. Os adolescentes são os mais atingidos com a insegurança e o desamparo.

Portanto, é preciso buscar o equilíbrio, que certamente se encontra na educação de valores éticos e nos limites, os quais se dão por meio da convivência, marcando as novas personalidades, pois, é na convivência, com o exemplo dos educadores-pais, que se transmite princípios éticos, até mesmo sem se dar conta disso.

Quando se fala em marcar, significa dizer o que a família cunha em cada membro, como moedas, os seus modelos. Por isso, é indispensável que os pais acreditem e vivam o que dizem aos filhos. Que passem aquilo que são e não o que querem. Discursos de quase nada adiantam. A família é o lugar onde se formam identidades de pessoas, em que decorre a grande responsabilidade dos pais de serem éticos e cuidadosos, bem como de colocarem limites baseados nela.

Amor, solidariedade, acolhimento, cuidado, precisam ser vividos em casa, com os filhos e diante deles, desde o nascimento. Só assim, a criança e o adoles-

cente aprenderão efetivamente a amar, a ser solidários, a acolher e a cuidar, entre outros valores. Aprenderão a ser responsáveis quando conhecerem os limites do que podem ou não fazer e de como devem ser na relação diária com os outros.

AJUDAR OS PAIS

Evidentemente, é melhor que o respeito e o amor aos filhos já venham na formação de cada pai e de cada mãe. Porém, a cultura do consumismo e do individualismo exclusivista, do socialismo totalitário disfarçado em democracia, com sua ética própria, atrapalham muito. Então, os pais precisam de ajuda, de informação, de auxílio mútuo, como é possível numa instituição como é a Escola de Pais e outros grupos, de educadores, de comunidades religiosas e associações afins. Os pais devem ser ajudados para transmitirem cuidado e solidariedade aos filhos, para os preparar para fugir das armadilhas do prazer ilusório que o mundo apresenta (consumismo e ambição desenfreados) e que se impõe.

CONCLUSÃO

Para ensinar aos filhos os caminhos de fuga das armadilhas do individualismo, é preciso que os pais as conheçam, já a partir dos argumentos que usam. A liberdade de escolha dependerá de conhecer as ofertas do individualismo exagerado e do individualismo responsável; e a educação para o cuidado e responsabilidade, que depende, sobretudo, do exemplo dos pais. Só assim haverá uma escolha consciente. A ética do cuidado responsável, livre e libertador, é a única que traz a felicidade desejada porque vem acompanhada pela justiça e pela PAZ.

–

João Batista Athanásio

E-mail: advathanasio@gmail.com

Referências

- CSALLI, Prof. Dr. Alípio. "Educação, Ética e Cuidado da Vida". 52º Congresso Nacional - 04 a 06/06/2015, São Paulo, SP.
- GUIMARÃES, Frei Almir Ofm. A figura e a missão do educador. In: anotações do 53º Congresso Nacional da EPB, 26 a 28/05/2016. Tema: "Família, Solo Vital, Esperança de Hoje". São Paulo, SP.
- REIS JUNIOR, Ministro Sebastião Alves dos. "Família, Solo Vital para a Educação e a Cidadania". In: anotações do 53º Congresso Nacional da EPB, 26 a 28/05/2016. "Tema: Família, Solo Vital, Esperança de Hoje". São Paulo, SP.

RELAÇÃO PAIS-FILHOS NA TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA



Por **José Ariston da Silva**

SEGUNDO o Dicionário On-line de Português, a palavra adolescência (fase que vai dos 12 aos 18 anos) - que deriva do latim adolescere (crescer) - foi utilizada pela primeira vez em 1430, na língua inglesa (adolescence).

Já o jovem (dos 19 aos 29 anos), segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é o indivíduo que não alcançou seu pleno desenvolvimento. Embora a adolescência e a juventude socialmente se confundam como sinônimos, são conceitos diferentes.

No cotidiano das condições socioeconômica, cultural e familiar, é preciso ir ainda mais além e considerar cada sujeito como único e inserido em um contexto, com comportamentos e entendimentos muito singulares.

A orientação, o auxílio, o acompanhamento e a promoção social do adolescente e do jovem, bem como a inserção no sistema educacional e no mercado de trabalho, certamente importarão o estabelecimento de projeto de vida, que tudo tem a ver com o relacionamento e a ambiência familiar, desde a sua infância.

Nos Anais da EPB, por ocasião do XXV Congresso Nacional - "Pai(s) Quem é o Teu Filho?", de 1989, Manuel Lessa Ribeiro já dizia: "Há uma corrente de amor na família que começa sempre com os pais.

Por isso é válido perguntar: estamos atentos para construir o primeiro elo ou não vai haver a corrente que se deveria projetar em direção ao futuro?"

Para fazer do percurso um investimento no futuro, antes de tudo, os pais devem ter um bom relacionamento conjugal: que se amem e se relacionem de forma amorosa e segura, que transmitam segurança e construam boa convivência e acolhimento familiar, para que seus filhos, desde pequenos, possam se espelhar no que veem e os tenham como modelo de bom e motivador relacionamento, que se motivem a imitá-los.

Para essa condição, é necessário criar um ambiente com limites reais, no qual os pais consigam inserir regras e limites, sejam coerentes "para formar verdadeiros cidadãos" (EPB). Portanto, a família deve procurar ser mais comunicativa e exemplar possível, para que o adolescente consiga expressar suas emoções e, assim, auxiliá-lo na busca por subsídios para resolver os conflitos e obstáculos futuros de forma mais segura.

Crianças, adolescentes e jovens devem, como futuros e verdadeiros cidadãos, aprender, desde o princípio da vida social, familiar e cultural, qual é o seu lugar no mundo, quais são os direitos e deveres de que dispõem e a importância de formar opiniões críticas e engajadas sobre os problemas da sociedade, do país e do mundo. Nesta fase, os pais (ou cuidadores) devem aceitar, estimular e orientar na necessidade progressiva de se tornarem independentes. Uma coisa é orientar e dar limites, outra é deixar que tomem decisões para as quais já estejam capacitados. À medida que crescem e conquistam a independência, também devem conquistar e praticar algumas responsabilidades pertinentes.

Por isso os pais devem estabelecer limites, praticar e inculcar princípios e valores, dando ao jovem a noção da realidade que enfrentará, mas com respaldo deles. Muitas vezes os pais não estão certos de suas posições e temem parecer antiquados. Não sabem bem determinar o que pode e o que não pode e ficam muito preocupados em reprimir e frustrar, achando que agindo assim podem prejudicar o desenvolvimento do adolescente. Por esta razão, os pais devem mostrar que a vida é constituída de coisas boas, alegrias, conquistas e sucessos, assim como de momentos de

frustração, buscas e decepções, dando oportunidade ao jovem de encontrar o equilíbrio, de se fortalecer e amadurecer. Isto é investimento no futuro deles.

Muitas vezes os pais (ou cuidadores), com medo de perder o afeto dos filhos, tornam-se permissivos, atuando sempre com exagerada compreensão e passividade. O “sim” tem um significado de responsabilidade que nem sempre a criança ou o adolescente tem condição de assumir. É mais fácil dizer “sim” do que “não”. O “não”, muitas vezes, só é usado em casos extremos e então os pais não conseguem mais dar o limite, por não ter o adolescente criado este hábito de aceitar a negativa.

A autoridade deve ser mantida de modo exemplar e sem autoritarismo. As regras e normas da família devem ser claras, objetivas e exemplares para o adolescente. Os pais devem ser coerentes quanto à disciplina e não podem esquecer que a educação pelos exemplos da família é muito mais importante do que apenas discursos e imposições de regras.

Como dizem Batista e Teodoro, nos mesmos anais do XXV Congresso Nacional da Escola de Pais

do Brasil: “Sendo assim, proporcionar autonomia aos filhos não significa deixá-los livremente às suas vontades, visto que, além de caracterizar descuido com os filhos, expressa comportamento de abandono por não os orientar à equilibrada liberdade de escolhas”. O diálogo dos pais com filhos adolescentes e jovens apresenta-se como grande desafio, pois é por meio da comunicação harmoniosa e motivacional que se vai redefinindo as novas e decorrentes representações familiares, priorizando, principalmente, a transmissão da afetividade através do exemplo, respeito e cuidado.

O grande apóstolo Paulo afirmou: “Marido, ame a sua esposa e não seja grosseiro com ela. Filhos, o dever cristão de vocês é obedecer sempre ao seu pai e à sua mãe porque Deus gosta disso. Pais, não irrite os seus filhos, para que eles não fiquem desanimados.” (Colossenses 3:19-21). Portanto, isto é “como fazer do percurso um investimento no futuro” de nossos filhos.

José Ariston da Silva

Associado Escola de Pais do Brasil Curitiba. E-mail: silvaariston@gmail.com



3345 1231 ☎
98832 9193 ☎
grafica.iguacu 🌐
graficaiguacu.com.br 🖱

Etiquetas

Blocos

Calendários

Cadernos

Cardápios

Convites

Cartões de Visita

Laminações

Dados Variáveis

Lembrancinhas

Certificados

Envelopes

Cavaletes

Folders e Flyers

Brindes

Banners

Agendas

Catálogos

Pastas

Revistas

Pulseiras

ACOLHER É AMAR



Por **Juliana Polloni**

AH, O AMOR! Em nossa cultura, por muito tempo, foi ensinado que o amor é aquele sentimento mágico, que surge como um estalo diante do ser amado, representado, por vezes, pelo cupido, um anjinho que flecha as pessoas, dando-nos a ideia de que não temos controle sobre o amor.

Ao estudar e trabalhar com os relacionamentos e os seres humanos, fui me dando conta de que essa forma de pensar o amor nos causa grande prejuízo, pois tira de nós a capacidade de construir o amor.

O amor é fruto intencional de esforço. É uma habilidade humana que inclui aceitar as pessoas como todo, com aquilo que gostamos e, também, com aquilo que nos desagrada. Nas relações familiares, o amor é construído cotidianamente, paternidade e maternidade são exemplos disso. É importante reconhecer que ao amar nossos filhos sabemos que existem coisas que gostamos e coisas que não gostamos. O amor é construído a partir do vínculo, do cuidado, dos ajustes diários de apresentar-nos uns aos outros como seres em constante formação e, portanto, transformação.

Para amar, é importante abrir espaço para o outro ser quem é, acolher o outro na sua totalidade e se permitir estar neste lugar de aprendiz o tempo todo. Se já sei tudo sobre o outro, como terei espaço para essas transformações que fazem parte do desenvolvimento e da vida? Trago aqui a metáfora da rosa:

não dá para separar a beleza de suas pétalas, seu doce perfume, de seus espinhos. A rosa é uma coisa só. Acolhimento é ver o outro nesta totalidade. Quando queremos controlar os comportamentos do outro não estamos oferecendo espaço para que essa pessoa seja quem ela é, ou seja, não estamos acolhendo.

Aqui temos o ponto mais sensível sobre a educação de nossos filhos. Tendemos a achar que, ao permitir que eles sejam quem são, estamos sendo omissos e permissivos. Para não cairmos neste lugar de insegurança, sugiro que pensemos na vida como um processo e não em situações esporádicas. Nossa forma cotidiana de agir educa. Nossos valores não são passados aos nossos filhos quando estamos fazendo discursos sobre o que é certo ou errado. Nossos valores são ensinados enquanto eles estão conosco no trânsito, por exemplo, observando se cumprimos as regras, se damos preferência à vida, se cuidamos de outras pessoas.

Ao permitir que seu filho se expresse, você está ensinando que ele é importante, que tem espaço para ele em sua totalidade, que você sustenta aquele momento, por mais difícil que seja, porque é apenas um momento entre tantos outros da vida de vocês. Ao acolher, você está sinalizando ao seu filho que ele está num espaço seguro emocionalmente, que ele pode ser autêntico. Quando nos dedicamos a acolher sem querer controlar, estamos ensinando a amar, estamos ensinando aos nossos filhos a usarem a inteligência de seus corações, a serem compassivos.

Eu sei que não é fácil, também me pego, muitas vezes, não tendo condições de acolher. E tudo bem, enxergo o todo do processo, não paro naquele momento mais desafiador e sigo. A ideia que compartilho aqui não é uma fórmula para fazer a vida das famílias mais fácil, mas sim caminhos para fazer com que nossas relações sejam mais verdadeiras.

O caminho do acolhimento é de amor porque implica em esforço, intenção e responsabilidade. É um querer mais que bem querer porque tem momentos que só o bem querer não sustenta. É uma habilidade que educa para uma sociedade mais humanizada. Vamos juntos trilhar esse caminho?

-

Juliana Polloni

*Mediadora de conflitos e de convivência, facilitadora de diálogos em famílias e equipes, mentora de comunicação e relacionamentos.
E-mail: julianapolloni@gmail.com*

FAMÍLIAS POR ADOÇÃO: MUITO ALÉM DO ESTEREÓTIPO



Por **Lidia N. Dobrienskyj Weber**

NO BRASIL, celebramos anualmente o Dia Nacional da Adoção em 25 de maio. Essa data comemorativa foi celebrada pela primeira vez em 1996, durante o I Encontro Nacional de Associações e Grupos de Apoio à Adoção (ENAPA), em Rio Claro (SP).

Tornou-se uma comemoração oficial em nosso país por meio da Lei nº 10.447, de 9 de maio de 2002. Eu participo dos ENAPAS desde 1997, cada vez em um estado diferente, sempre falando de minhas pesquisas sobre o tema e aprendendo muito com os adotantes.

O ENAPA é um evento nacional que procura refletir sobre a adoção e sua relação com a Rede de Proteção à Infância e Adolescência no Brasil. Atualmente, existem mais de 200 grupos de apoio à adoção em nosso país, formados por voluntários (mães, pais e profissionais) que refletem e chamam a atenção da população sobre esse ato e mostram que ainda existe um número considerável de crianças que precisam de uma família. Essa ação é importante porque garante direitos fundamentais para crianças, adolescentes e jovens, de acordo com o que é estabelecido na legislação brasileira. Dados do Sistema Nacional de Adoção (SNA) indicam que existem mais de 30 mil crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional no Brasil. Alguns esperam voltar para sua família de origem, mas a maioria deseja encontrar uma nova família. Embora novas leis tenham aperfeiçoado todo o sistema de adoção, ainda há muito chão pela frente e as crianças continuam fazendo aniversários nos abrigos. Deste total, apenas cerca de 5 mil estão

prontas para serem adotadas (cujos pais foram destituídos do poder familiar).

A Constituição Federal de 1988 determina, em seu Artigo 227: "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão".

A História sempre esteve repleta de crianças abandonadas pelo mundo, porém, sempre existiram pessoas interessadas em acolhê-las. Existe uma divisão simbólica da adoção em duas etapas: na primeira, denominada de "adoção clássica", buscava-se um bebê para resolver o problema de casais inférteis; o olhar da segunda etapa, chamada de "adoção moderna", é oposto: deve-se encontrar uma família para crianças e adolescentes que não têm mais sua família de origem (1, 2).

Os países desenvolvidos raramente têm crianças vivendo em abrigos. Essas nações resolveram o problema de abandonos (que ocorrem com uma frequência assustadora por aqui) e de crianças cujos genitores mostram-se incompetentes ao instituir o que se denomina de famílias acolhedoras que ficam com a criança até ela ser legalmente adotada. Aqui no Brasil, esse movimento também começou e teve seu início no Paraná (3). Em nosso país, existe a crença de que as pessoas querem adotar apenas bebês recém-nascidos, brancos e saudáveis. Porém, é preciso falar do sistema que permite que bebês cheguem aos abrigos e só saiam de lá com muito mais idade. Também é evidente que o número de adoções interétnicas, de crianças maiores, de adolescentes e de grupos de irmãos tem aumentado em nosso país, seguindo modelos de países desenvolvidos (4).

Recentemente, iniciei uma pesquisa com um grande grupo de pessoas que estão muito além dos estereótipos. São indivíduos que adotam crianças com necessidades especiais ou com graves problemas de saúde (5). Sim, há adoções de crianças com paralisia cerebral, com HIV, com ausência de membros, com síndrome de Down, autismo, entre outras. Pessoas especiais que fazem adoções notáveis. Quando se espera um bebê genético, geralmente se diz que "não importa o gênero, desde que venha saudável". Pois estes adotantes especiais, quando preenchem a ficha nos Juizados, não assinalam o item que limitaria sua "escolha" a uma criança sem nenhum problema de saúde. Os depoimentos revelam que estes adotantes têm um senso moral e espiritual tão grande que qualquer tipo de restrição não é correto, uma vez que,

com um filho genético, isso não seria possível. Simplesmente aceitam as limitações das crianças que se transformam em filhos. Muitos adotaram mais de uma criança especial e ainda auxiliam tantos outros a adotar.

Estes adotantes não querem ouvir que isso é caridade ou que vão para o céu (6). Pela definição da ciência, este é, sim, um gesto altruísta, um amor agápico cujo ganho maior é daquele que recebe. Mas os pais especiais riem e não concordam: simplesmente dizem que queriam um filho e estão felizes e, para muitos, foi paixão à primeira vista. Ágape significa amor, é uma palavra de origem grega que pode significar o amor que se doa, o amor incondicional, o amor que se entrega.

Melhor dizer amor à primeira vista; não pelo bebê mais bonito, mas pela criança que mais precisava deles. Uma mãe me disse que as pessoas, em geral, ficam sonhando que seu filho seja médico, advogado, que toque piano,

jogue basquete, que ganhe muito dinheiro e, muitas vezes, os filhos não vão ser nada disso ou não será isso que os fará felizes. Ela se preocupa com as mínimas conquistas dos seus filhos e um sorriso de felicidade deles preenche seu mundo. Um dia de cada vez. Isso sim é amor verdadeiramente incondicional, o resto é conversa. Como dizem os jovens, isso não é para fracos. No mínimo, todos nós precisamos refletir a respeito e aprender um pouco mais sobre amor incondicional e sobre a complexidade da vida.

Lidia N. Dobrienskyj Weber

Psicóloga com pós-doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pela UnB, mestre e doutora em Psicologia Experimental pela USP. Professora da UFPR. Autora e/ou organizadora de 17 livros, entre eles, Pais e filhos por adoção no Brasil, Família e desenvolvimento humano e Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites (Editora Juruá). E-mail: lidiauw@uol.com.br

Referências

- (1) Pilotti, F.J. (s/d.). Manual de procedimentos para a formação da família adotiva. Montevideo: Instituto Interamericano da Criança (OEA).
- (2) Ariès, P. & Chartier, R. (1991). História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras.
- (3) Kreuz, S. (2011). Da convivência familiar da criança e do adolescente na perspectiva do acolhimento institucional: princípios constitucionais, direitos fundamentais e alternativas. Dissertação de Mestrado em Direito das Relações Sociais, UFPR.
- (4) Weber, L.N.D. (2001). Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e sentimentos. Curitiba: Juruá.
- (5) Weber, L.N.D. (2013). Adoções possíveis: pais especiais In: Unir para cuidar. Revista Semear, 278-287.
- (6) Weber, L.N.D. (2016). Positive Strengths and attachment in adoption of children with special needs. Em 8th European Conference on Positive Psychology, Angers, France.

Nobel
AUTOMAÇÃO | ÁUDIO | VÍDEO

Automação Residencial e Empresarial

Áudio e Vídeo · Telões · Cortinas e Persianas · Iluminação · Circuitos de TV · Integração

Rua Ângelo Zeni, 350 - Bom Retiro - Curitiba nobelhome.com.br

FAMÍLIA E ESCOLA: UMA PARCERIA OU UMA ALIANÇA?



Por **Marcos Meier**

JÁ OUVI muitas opiniões diferentes a respeito da parceria família e escola. Muitos professores não concordam em trazer a família para a escola, pois dizem que “só atrapalham, pois além de não entenderem sobre educação, ficam interferindo de forma negativa”.

Outros dizem que as famílias deveriam fazer bem o trabalho de educar valores e “deixar a gente fazer nosso trabalho”.

Quando falo com famílias, muitas dizem que “é legal essa parceria, pois a gente fica sabendo como nosso filho está indo”. Na verdade, relatar o progresso das crianças nas avaliações escolares é função da escola, independente de parceria. Bem, então como deveria ser essa parceria e porque fazê-la?

Recentemente conversei com um grande amigo, diretor de uma escola particular em São José dos Pinhais (PR), o Haroldo Andriguetto Jr., e nossa conversa foi muito interessante: falávamos exatamente sobre a parceria família e escola. Foi então que o Júnior (como ele é conhecido na escola) me disse que a parceria construída por anos, passou para uma nova fase, não mais a de “parceria”, mas a de “aliança”. O que difere? Parceria é um acordo que se faz entre duas partes com o objetivo de esta-

belecer as funções de cada um para que os objetivos sejam alcançados com mais facilidade, somando forças, sem um atrapalhar o outro. Por exemplo, dois sócios abrindo uma empresa se tornam “parceiros” no novo empreendimento e para que a empresa tenha sucesso eles precisam definir bem as funções de cada um. Aliás, muitas sociedades “dão errado” justamente por isso não ter sido bem feito.

Mas o que é uma aliança? Também é um acordo, mas existe algo radicalmente diferente. Para que uma aliança funcione, não é necessário que cada um cumpra seu papel. Se uma das partes descumprir, a outra, em nome da aliança, não descumprirá a sua!

Um bom exemplo disso é a aliança estabelecida no texto cristão. A aliança feita por Deus com seu povo (nós, reles mortais imperfeitos) independe de cumprirmos a nossa parte, pois como todos nós sabemos, a gente não consegue mesmo! Assim, se a gente pisa na bola, Deus continua nos protegendo, amando e dando a possibilidade de uma vida melhor, ou até mesmo, da vida eterna. Lembra de Jesus falando ao criminoso crucificado ao seu lado que “ainda hoje estarás comigo no paraíso”? O sujeito prejudicou sua vida desde sempre, mas foi aceito!

E como é uma aliança entre a família e a escola? Olhem que interessante: cada um assume seu papel, suas funções: a família se compromete a dar o seu melhor para educar princípios, valores, os famosos “bons modos”, enquanto a escola se responsabiliza por ensinar os conteúdos curriculares. E se um falhar? Por exemplo, se a família não estiver tendo sucesso em ensinar a respeitar os mais velhos, obedecer às regras, etc? Simples: ainda que pareça injusto, a escola assume! Sim, a escola vai ensinar respeito, valores, princípios, seguir regras...é da essência da escola educar e é isso que ela vai fazer, independentemente da participação da família. Por outro lado, a família pode auxiliar a criança a pesquisar na internet, a aprender sozinha e a desenvolver autonomia na aprendizagem, que são “obrigações da escola”. Isso é uma aliança. E vai além. Na aliança, um ajuda o outro a cumprir suas funções. A escola, conhecedora da ciência da Educação, pode chamar a família e orientá-la quanto às melhores formas



de educar uma criança, com carinho e autoridade, base do crescimento maduro. A escola detém esse conhecimento, então pode ensinar.

Claro que sempre lembramos do avô que vem contar uma história na escola, da mãe que ensina uma turma a fazer um bolo, do pai que ajuda a pintar a sala de aula do filho. Essas ações são bonitas, mostram o envolvimento da família com o espaço em que a criança passa mais tempo depois da casa e enviam uma informação importante para as crianças: estamos juntos. Entretanto, essas

ações necessárias são pontuais, formam apenas uma pequena parte do que chamamos de aliança família-escola, pois o essencial é maior: a parceria, ou aliança, existe para que nossas crianças sejam muito melhor educadas e possam cada vez mais ser felizes e realizadas.

-

Marcos Meier

Psicólogo e Mestre em educação. Divulga gratuitamente vídeos sobre educação de filhos em seu canal: [youtube.com/marcosmeier](https://www.youtube.com/marcosmeier).

EXCELÊNCIA EM **ODONTOLOGIA**

**TODAS AS ESPECIALIDADES
EM UM ÚNICO LOCAL**

RESTAURADORA
ESTÉTICA
ODONTOPEDIATRIA
ODONTOGERIATRIA
ORTODONTIA
PRÓTESES
IMPLANTODONTIA
CIRURGIA ORAL
PERIODONTIA
ENDODONTIA
ESTOMATOLOGIA
RADIOLOGIA
DOR OROFACIAL
TÊMPORO-MANDIBULAR
HALITOSE



41 3342-2121
41 99982-2003
RUA GUTENBERG, 417
BATEL . CURITIBA



odontologiadrpinho.com.br



ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: A IMPORTÂNCIA DO APOIO INTRA E EXTRA-FAMILIAR PARA UM DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL



Por **Ana Carolina Lopes Venâncio**

A ADOLESCÊNCIA e a juventude se caracterizam por mudanças corporais que acarretam transformações emocionais direta e indiretamente influenciadas pela cultura familiar e da comunidade onde cada um vive.

Assim, na adolescência, os jovens tendem a ficar mais vulneráveis, sofrem com dúvidas, inseguranças e medos. Torna-se, para eles, mais difícil lidar com situações do cotidiano, pois estão em franca transformação do corpo e de suas emoções, fatores que se refletem na conduta social.

Desta forma, possuir uma rede interna, intra-familiar, neste período da vida é essencial. O diálogo em casa, possuir espaço para expressar livremente seus sentimentos, seus medos e dúvidas, é primordial para que haja maior segurança num processo em que os jovens se tornam mais vulneráveis a influências externas, como de colegas e das mídias sociais, por exemplo, influências nem sempre adequadas ou positivas. É fato que os jovens, em geral, tomam como modelos de conduta os amigos mais próximos, situação que depende da vigilância dos

pais quanto às amizades dos/as filhos/as, vigilância no sentido positivo, não de intromissão, mas de zeloso cuidado e parceria, para que os/as filhos/as sintam-se à vontade para falar de si mesmos e do que sentem, de seus amigos e preferências, sem julgamentos, exercitando-se compreensão.

Neste sentido, acolher os amigos dos/as filhos/as é muito importante, pois assim também os apoiamos e passamos a conhecer seus valores e modos de ser, valorizando aspectos positivos e reelaborando o que necessita ser aprimorado, de forma carinhosa, dialógica e respeitosa. Inserir os amigos dos/as filhos/as na rotina da família e nas atividades cotidianas é, portanto, uma estratégia de apoio aos jovens em suas necessidades específicas, uma ação de cuidado e zelo com a família e com o próximo.

Mas não convivemos somente no espaço de casa. Neste prisma, a rede externa de apoio também é fundamental. Há espaços muito importantes para nossa formação, mas, para citar apenas dois deles, aqui vou mencionar a escola e a igreja. A escola é um espaço de sociabilidade, de encontro entre pessoas, de troca e reelaboração de saberes e práticas, de reafirmação dos valores familiares. Assim, a equipe escolar deve estar atenta aos jovens, aos seus sentimentos, comportamentos e modos de expressá-los. Professores devem, então, abrir caminho para estabelecer diálogo e parcerias para que os jovens sintam-se acolhidos e protegidos.

Comportamentos agressivos, de isolamento ou qualquer outro comportamento inadequado deve ser comunicado aos pais para que, juntos, escola e família possam ajuizar medidas de apoio compartilhado para resolver situações conflituosas e problemáticas. A igreja, por outro lado, é um espaço comunitário para aprendermos a ser solidários, a ser apoio uns aos outros, a nos doar ao próximo, a exemplo do Mestre Jesus. Independente da denominação religiosa de cada família, espaços reli-

giosos devem se constituir em refúgios, espaços de reflexão para debater sobre dúvidas e inseguranças, para ter apoio por meio do exercício da empatia e compreensão, espaços para sermos amorosamente e respeitosamente orientados. Desta feita, participar das atividades dos espaços religiosos, seja num grupo de jovens, seja em grupos para vivenciar de forma prática o amor de Deus, por exemplo, ajudando em casas lares, casas de idosos, entre outros, é ação importante para vivenciarmos situações de empatia que nos levem a construir valores sólidos que nos apoiem em situações de medo e dificuldade, em que, por vezes, nossa fé é testada.


Contudo, na contemporaneidade, outro espaço que ganha relevo é a internet e suas mídias sociais. Viver uma vida de aparência, tentar atingir limites estabelecidos de forma desigual para ter um estilo de vida considerado mais 'adequado', ter um corpo idealizado, por vezes levam os jovens aos seus limites. Assim, os pais devem ficar atentos aos sites e às mídias sociais que os/as filhos/as acessam, velar

por eles neste mundo virtual por vezes tão cruel e cheio de julgamentos.

O que queremos deixar explícito neste texto, de forma breve, mas contundente, é a importância do cuidado e da compreensão no período da adolescência e juventude, a importância do diálogo em família, do acolhimento e acompanhamento da equipe escolar, expondo que neste período da vida é essencial, mais do que julgar, acolher; mais do que simplesmente corrigir, compreender razões e sentimentos por trás de atitudes, oferecendo segurança e amor para que nossos/as filhos/as cresçam e possam seguir exercitando os valores familiares. Que sejam felizes, vivenciando as experiências de suas vidas com dignidade e empatia, compreensão e amor.


Ana Carolina Lopes Venâncio

Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná.
Professora e pedagoga da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. E-mail: anavenancio2704@gmail.com



**Escritório Contábil
CASAGRANDE**

Juarez Fernando Casagrande
CRC 23746-04/PR



41 3077-0532 • 3077-0132 • 99915-7685

contacasagrande1@gmail.com

Av. Manoel Ribas, 7985 - Santa Felicidade - Curitiba Pr

TREINAR & NUTRIR

PERSONAL TRAINER E CONSULTA NUTRICIONAL



AULAS COM PROF. MARCOS JR CREF 012198
CONSULTAS COM NUTRICIONISTA ANDRESSA MORAIS CRN 4754
E-BOOKS DA NUTRICIONISTA FRANCINE NOVISKI CRN 7763

3 Meses de Programa
2 Consultas Nutricionais + 1 Reconsulta
3 Avaliações Físicas
3 E-books de Receitas Exclusivas e Segurança Alimentar
Consultoria On-line com os 3 Profissionais
2 BÔNUS:
E-book 10 dicas para uma vida saudável
Planilha exclusiva para organizar suas atividades diárias

A MANIFESTAÇÃO UNIVERSAL E OS FATORES DE PROTEÇÃO DA INTERNET GAMING DISORDER



Por **Cineiva Campoli Tono**
e **Roseane Bernartt**

O CONTATO cada vez mais precoce e desordenado do público infantil e adolescente com os ferramentais tecnológicos demonstra extrema fragilidade no seu desenvolvimento integral de ordens diversas nos aspectos relacionados à proteção humana e social, também no que se refere aos prejuízos decorrentes de gaming disorder, transtorno por jogo eletrônico, legitimado em 2018 com a publicação da 11ª edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11), em vigor desde janeiro de 2022.

Todas as avaliações formais do “gaming disorder” com base científica na neurociência, na psicologia, na psiquiatria, na pediatria e em outras áreas da saúde e do comportamento revelam a fragilidade humana frente a esse fenômeno que tem invadido o mundo infantil e a adolescência em caráter universal, sem precedentes.

As crianças e os adolescentes que acessam a internet, incluindo os jogos eletrônicos, desprovidos das adequadas características físico-motoras, sensoriais, intelectuais, mentais e perceptivas, conforme previstas no Marco Civil da Internet (Lei Federal 12.965/2014), são as pessoas mais vulneráveis a desenvolver tal transtorno, que é caracterizado por critérios semelhantes aos utilizados nas dependências por substâncias químicas psicoativas, como os estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, em 5ª edição), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria em 2013:

- 1 *Preocupação com jogos da Internet (o indivíduo pensa sobre a atividade do jogo anterior ou antecipa jogar o próximo jogo);*
- 2 *Os sintomas de abstinência quando o jogo da Internet é retirado (estes sintomas são geralmente descritos como irritabilidade, ansiedade ou tristeza);*
- 3 *Tolerância - a necessidade de gastar cada vez mais tempo envolvido em jogos de Internet;*
- 4 *Tentativas frustradas de controlar a participação em jogos na Internet*
- 5 *Perda de interesse em passatempos anteriores e entretenimento, com exceção de jogos de Internet;*
- 6 *Continuação do uso excessivo de jogos na Internet, apesar de conhecer os problemas psicossociais;*
- 7 *Engana familiares, terapeutas ou outros a respeito da quantidade de tempo de jogos na Internet;*
- 8 *Uso de jogos na Internet para escapar ou aliviar humor negativo (por exemplo, sentimento de impotência, culpa e ansiedade);*
- 9 *Tem posto em risco ou perdido uma oportunidade de relacionamento significativo, educação ou carreira*

profissional por causa da participação em jogos na Internet.

A Internet Gaming Disorder na infância e na adolescência, como qualquer outro transtorno mental e comportamental resultante do uso indevido da internet, que se estabelece e se amplia a partir do uso desordenado de tecnologias de informação e comunicação, independentemente do recurso utilizado (computador, notebook, tablet, celular), pode ser prevenida com:

A Equilíbrio on-line x off-line dos jovens e adultos, responsáveis diretos pela proteção à criança e ao adolescente, para dar exemplo.

B Diálogo permanente entre pais e responsáveis com as crianças e os adolescentes sobre os efeitos nocivos do uso das tecnologias de informação e comunicação sobre a saúde mental e o desenvolvimento humano como um todo.

C Bom senso dos pais e responsáveis ao permitir o acesso às tecnologias digitais por crianças e adolescentes, considerando as suas características físico-motoras, sensoriais, mentais e intelectuais, conforme preconiza o Marco Civil da Internet (2014).

D Na medida em que a criança amadurece, permitir o acesso às tecnologias digitais de modo a ensiná-la quando parar, aplicando em comum acordo um temporizador visível para a criança e para os pais ou responsáveis, para o devido controle do tempo de uso.

E Campanhas e ações de conscientização e prevenção sobre os riscos do uso das tecnologias digitais para as crianças e adolescentes, realizadas na escola, nos espaços públicos, na mídia televisiva e na web.

F Curso de formação para pais, responsáveis por crianças e adolescentes, incluindo professores atuantes na primeira infância, nos ensinos fundamental e médio, sobre mecanismos de prevenção aos riscos

INFORMAÇÃO

FATORES HUMANOS DE RISCO E PROTEÇÃO DO USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS



INSTITUTO tecnologia[®] & dignidade humana

FORMAÇÃO

USO ÉTICO, MORAL, RESPONSÁVEL, SAUDÁVEL E SEGURO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS








EDUCAÇÃO DIGITAL CONSCIENTE

Advocacy, Palestra, Curso, Oficina, Assessoria
"O equilíbrio do uso das tecnologias digitais começa em casa"

<http://tecnologiaedignidadehumana.org.br/>
<https://www.facebook.com/institutotecnologiaedignidade/>
contato@tecnologiaedignidadehumana.org.br
 55 41 999156538

do uso desordenado das tecnologias de informação e comunicação.

G Curso de formação especializada para profissionais das áreas da pediatria, psicologia e psiquiatria infantil sobre os efeitos nocivos do uso de tecnologias digitais na infância, de modo que possam contribuir com a prevenção das patologias relacionadas, desencorajando o acesso precoce dessas tecnologias por crianças.

H Responsabilização das produtoras e veiculadoras de conteúdos impróprios destinados a crianças e adolescentes.

Deve-se investir no aprimoramento das habilidades dos pais como reguladores do uso seguro de mídia eletrônica pelas crianças da primeira infância. Profissionais de saúde e pediatras têm papel importante como comunicadores dos resultados de pesquisas sobre os efeitos do tempo de uso de tecnologias digitais para as famílias, a fim de prevenir problemas

no desenvolvimento socioemocional da criança posteriormente.

O ideal é investir em mecanismos de prevenção à *Internet Gaming Disorder*, para isso, reforça-se que os pais devem ser os primeiros a garantir o tempo livre das crianças e dos adolescentes não relacionado à internet e jogos on-line, modelando o uso de tecnologias e buscando oportunizar tanto atividades esportivas individuais (como desenho e pintura em tela física, prática de um instrumento musical e prática do cubo mágico) ou coletivas (como vôlei, handebol, futebol e ciclismo), quanto mais refeições e passeios ao ar livre em família, momentos que podem se tornar preciosos e fortalecer vínculos familiares, especialmente quando abdicados do uso dos dispositivos eletrônicos.

Cineiva Campoli Tono

Doutora em Tecnologia e Sociedade. E-mail: cineivatono@gmail.com

Roseane Bernartt

Doutoranda em Educação. E-mail: roseanemendesbernartt@gmail.com



I-DOSER – DROGAS DIGITAIS: ILUSÃO OU REALIDADE?



**Ilham El Maerrawi
e Jean Khater Filho**

A BUSCA pelo efeito de alteração na mente proporcionado pelas drogas pode estar longe das substâncias químicas e perto dos fones de ouvido.

Recentemente, todos nós fomos surpreendidos com a existência de drogas digitais: o I-Doser, um programa de computador que produz ondas sonoras e que busca intervir nas ondas cerebrais dos adolescentes e jovens, pretendendo simular o efeito de várias drogas e sensações.

Conhecida como “drogas digitais” ou “drogas sonoras”, a técnica chamada Binaural Beat não é nova. Ela é datada do século XIX, descrita pela primeira vez por um físico alemão que apontou os efeitos de determinadas ondas sonoras no cérebro humano. A maneira mais conhecida para acessar as frequências é pelo aplicativo I-Doser, que vende “doses” das ondas sonoras on-line. Vídeos e playlists gratuitas no Youtube e no Spotify também alegam produzir essa experiência.

MAS O QUE É ONDA BINAURAL BEAT?

A onda chamada de Binaural Beat é gerada quando o ouvinte escuta dois sons, um em cada ouvido, com frequências muito próximas, porém diferentes e inferiores a 1000 Hz. Essa frequência é igual à diferença entre os dois sons diferentes. Isso faz

com que o cérebro perceba uma terceira onda, que, na verdade, não existe.

Drogas sonoras não trazem risco de dependência, mas podem trazer riscos para a audição. As evidências de que tais experiências possam ter um efeito similar ao de drogas psicoativas, no entanto, são bem limitadas. Seria importante ter respostas mais definitivas, mas não há, até o momento, estudos laboratoriais que comparem a ingestão de substâncias com os substitutos binaurais.

Porém, um estudo publicado no The Global Drug Survey 2021 foi o primeiro a confirmar que o uso de batimentos binaurais para experimentar estados alterados nos últimos 12 meses foi registrado por 5,3% da amostra, composto por pessoas mais jovens e mais propensas a relatar uso recente de drogas ilícitas. Uma a cada dez pessoas revelou que utiliza a técnica com propósitos recreativos. As batidas binaurais têm sido usadas com o objetivo de experimentar estados corporais e psicológicos alterados e algumas pessoas dizem ouvi-las enquanto fazem uso de substâncias, especialmente psicodélicos. Destaca-se que a maioria dos usuários já havia utilizado substâncias como MDMA (uma espécie de versão melhorada do ecstasy) ou maconha. No entanto, não são todos os usuários que relataram sentir o efeito prometido. Os países com os maiores adeptos são os Estados Unidos, México, Reino Unido, Polônia e Brasil.

Além da simulação de drogas, a Binaural Beat também é utilizada para acalmar e obter uma sensação de tranquilidade. Ainda de acordo com o estudo, 72% dos participantes recorrem à técnica “para relaxar ou adormecer”, e 35% “para mudar seu humor”. A Sociedade Brasileira de Pediatria, em sua nota de alerta #Drogas digitais – Riscos auditivos, chama a atenção sobre os problemas de saúde e as repercussões que acontecem nas fases de crescimento e desenvolvimento pelo uso cada vez mais precoce, excessivo e prolongado das telas por crianças e adolescentes. Agora, novos vídeos são desafios extremamente perigosos e provocativos nas redes digitais. O fenômeno I-Doser, considerado uma droga digital, vem sendo disseminado em vídeos nas redes sociais, acompanhado de



MÓVEIS MOTA

Desde 1980



imagens psicodélicas, sons de batidas eletrônicas e zumbidos de alta frequência, o que poderia causar alucinações, além de comprometer a audição, inclusive causando surdez.

O som é um estímulo físico, que se transforma em impulso nervoso reconhecido pelo cérebro. Também é grande sua importância no desenvolvimento, que inicia na vida intrauterina. O primeiro sentido desenvolvido no ser humano é o da audição, que é formado no sexto mês de gestação. Isso se comprova pelos benefícios apresentados pelos bebês que foram expostos à música, ainda em fase fetal, por suas mães. "As músicas com o ritmo bastante marcado são fundamentais, principalmente, nos primeiros meses de vida, pois trazem estabilidade para a criança, tanto que, quando uma criança chora, as mães a trazem para próximo do peito para acalmá-las, pois o primeiro contato rítmico de uma criança é o 'binário', do coração materno".

O feto, na 26ª – 28ª semana de vida intrauterina (4º mês), ouve o tempo todo. O abdômen e o útero são lugares muito barulhentos. Podemos destacar, dentre tantos sons durante o desenvolvimento da criança, as cantigas de ninar, os sons produzidos pelos bebês, os diversos tipos de choro e outras tantas formas de expressão que favorecem o estabelecimento de vínculos afetivos por meio dos significados das sonoridades vivenciadas.

Especificamente sobre o aplicativo I-Doser, apesar da procura maior ocorrer entre jovens que fizeram uso de alguma substância psicoativa, a curiosidade pode atrair jovens que nunca experimentaram algum tipo de substância. Aprender e ter familiaridade com as mídias sociais é de suma importância para acompanhar o que circula nos meios digitais. Além disso, a presença física na vida dos filhos é fundamental para a orientação precoce sobre os riscos e equívocos das mídias e das redes sociais. A prontidão dos pais, mães e cuidadores para o diálogo aberto e proativo, oportuniza um canal permanente de comunicação em relação aos diversos conteúdos que circulam nas mídias, os quais podem instigar sua curiosidade e colocá-los em risco físico e emocional.

Riscos digitais sempre existirão, influências e atrativos perniciosos também. A diferença pode ser nosso empenho, contribuindo com a informação e formação de nossas crianças e adolescentes dando-lhes uma autonomia consciente sobre seus interesses, suas redes e mídias sociais e como utilizá-las e se proteger dos perigos inerentes a elas.

–
Ilham El Maerrawi, psicóloga.

Jean Khater Filho, pediatra.

Membros do Conselho de Educadores da EPB.

E-mail: khater.j@uol.com.br

Referências

- BARRAT, Monica; MADOX, Alexia; SMITH, Naomi; DAVIS, Jenny; GOOLD, Lachlan. Who uses digital drugs? An international survey of 'binaural beat' consumers. Wiley Online Library, 2022. Disponível em <Who uses digital drugs? An international survey of 'binaural beat' consumers - Barratt - - Drug and Alcohol Review - Wiley Online Library> Acesso em 20 de maio de 2022.
- BRAZELTON, T. Berry; CRAME, Bertrand. As Primeiras Relações Afetivas. São Paulo, Editora Martins Fontes, São Paulo. 1992.
- CNN Brasil. Entenda o que são drogas sonoras e como elas podem afetar o cérebro - Correspondente Médico, 18 de abril de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HXOknCpl4ZI&t=12s>>.
- GONÇALVES, Eduardo; JR, João. Nos embalos do MDMA, a droga da vez entre os jovens. Veja, 2019. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/brasil/nos-embalos-do-mdma-a-droga-da-vez-entre-os-jovens/>> Acesso em 25 de abril de 2022.
- PEDIATRIA, Sociedade Brasileira de. Nota de Alerta #Drogas Digitais-1: Riscos Auditivos. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2022. Disponível em <# Drogas digitais – 1: Riscos auditivos - SBP> Acesso em 15 de maio de 2022.
- PEDIATRIA, Sociedade Brasileira de Manual de Orientação #Menos Telas #Mais Saúde, 2009. Disponível em <Publicação - SBP> Acesso em 20 de maio de 2022.

ADOLESCER: A DOR DE SER



Por **Regina L. A. Gabriele**

POR QUE é tão difícil crescer? A adolescência pode ser definida como uma das etapas do desenvolvimento humano que se caracteriza pelas mais complexas alterações psíquicas e sociais, que são influenciadas pela época e cultura onde estão inseridas.

Em meio a esse turbilhão de mudanças, o adolescente precisa encontrar uma nova visão do mundo e de si, em uma tentativa de redefinir seu caráter social, ideológico e profissional.

Nesse difícil processo de adolecer, há o surgimento de uma nova identidade, na qual o adolescente investe toda sua energia. Os contatos superficiais começam assim, depois tornam-se profundos, mais íntimos e preenchem a vida sexual dos adolescentes.

Nessa tentativa de se encontrar, a "oscilação" entre urgências e postergações aparece de forma marcante. Euforia e tédio; alegria e tristeza; amor e ódio. Sentimentos e contradições são constantes num cérebro em formação, que atingirá seu ápice por volta de seus 21 anos. Por isso, as referências de autoridade (pai e mãe) e de normas sociais são questionadas e se alternam frequentemente.

Nessa fase curiosa, também surge a necessidade de autoafirmação e, com ela, a experimentação de coisas novas. Dentre elas, encontramos um dos hits na adolescência, que é o uso de cigarro ele-

trônico, preocupando não só os pais, como médicos e psicólogos. O chamado VAPE ou PODS (cigarro eletrônico) é praticamente impossível de ser controlado. Não há conhecimento sobre onde e de quem os jovens o compram, muito menos onde o guardam. O tema é constante em rodinhas de amigos.

Proibido no Brasil, desde 2009, pela ANVISA, e comprovadamente um mal à saúde não só de jovens, como dos próprios adultos, o cigarro eletrônico se popularizou brutalmente durante a pandemia (mais um ponto negativo desse período) e rola solto em portas de escolas, públicas e particulares, baladas e festas de amigos. Adolescentes usam o dispositivo eletrônico, como se não houvesse o amanhã e há pouca gente capaz de convencê-los de que o cigarro faz mal.

Mas as questões aqui são, principalmente: O que ocorre por trás desse hábito? Será o modismo? O querer ser igual a todos? Fazer parte do grupo de amigos? No universo das redes sociais, o dispositivo moderninho faz parte da narrativa de uma vida irreal em que tudo parece ser ainda mais interessante, descolado e sedutor, assim como quando surgiu o cigarro há mais de 30 anos. Lembram? Era visto como sinônimo de glamour, luxo e poder, com comerciais repletos de pessoas bonitas, bem-sucedidas em lugares paradisíacos.

Surge hoje um novo interesse que leva os jovens para várias situações de experimentações, entre elas, infelizmente, as novas drogas. Nesta fase da vida, há uma busca pela consolidação da identidade, elevando o status do grupo de amigos, como o novo lugar preferencial de identificação, distanciando-se dos pais. Os jovens necessitam de uma marca identitária, exclusiva, que os façam diferentes das outras tribos. E nessa busca, o VAPE ou PODS, traz um sentimento de transgressão às regras e aos costumes e de aproximação com o mundo adulto, desejado pelos jovens, mas diferente do mundo de seus pais.

O cigarro serve de afirmação, para si e para o grupo, de que há um movimento sendo feito, contraditório, rebelde e novo, em que os adolescentes sentem-se protagonistas de suas histórias. Mas, muitos pais podem estar se perguntando: "O que podemos fazer, se a droga bater em nossa porta?"



Como resposta, nós da EPB diríamos: pais e educadores, só conseguiremos enfrentar esse “modismo” recorrente em nossa sociedade, do vício, da droga e do sistema que impõe suas verdades e conceitos, se soubermos em que território estamos pisando, procurando sinalizar aos nossos adolescentes o perigo de surfar na onda do “se meu amigo usa, eu também tenho que usar”. Devemos trabalhar com eles a autonomia do “não” e preservar a identidade pessoal como um dos maiores bens da vida deles.

Os pais e educadores devem procurar conhecer o ambiente real em que seus adolescentes circulam para, com assertividade e sabedoria, orientem com firmeza e limites, o caminho que devem percorrer. O adolecer, fase difícil para todos, dói, mas muito mais doloridas serão a ausência e a omissão da família em relação às informações e orientações para uma vida mais saudável e feliz.

Vamos ficar atentos, o perigo está espreitando nossos jovens. Não devemos esmorecer jamais!

—

Regina L. A. Gabriele

Presidente do Conselho Consultivo da Escola de Pais do Brasil, juntamente com seu marido Armando Gabriele, e associada da Escola de Pais do Brasil Seccional São Paulo. É advogada, pós-graduada em Direito Educacional, professora, analista comportamental e kids coach. E-mail: casalrnsaopaulo@gmail.com

Colégio
Passionista
Nossa Senhora Menina

DO INFANTIL AO ENSINO MÉDIO
PERÍODO COMPLEMENTAR (PASSIO MAIS)



CONSTRUINDO
juntos os caminhos
PARA UM
FUTURO FELIZ!

passionsmenina | (41) 3352-2021 | (41) 98473-3344

www.nossasenhoramemina.passionista.com.br | Rua Bom Jesus, 881A - Cabral - Curitiba/PR

ABUSO E EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UM TEMA A SER DISCUTIDO



Por **Célio Alves de Oliveira**

NO ANO de 2000, o Congresso Nacional instituiu, pela Lei nº 9.970/2000, o dia 18 de maio como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infantil, data da morte de Araceli, em Vitória (ES).

A partir daí, todo mês de maio passou a ser lembrado, pela cor laranja, como o mês dedicado ao combate do abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

QUEM FOI ARACELI?

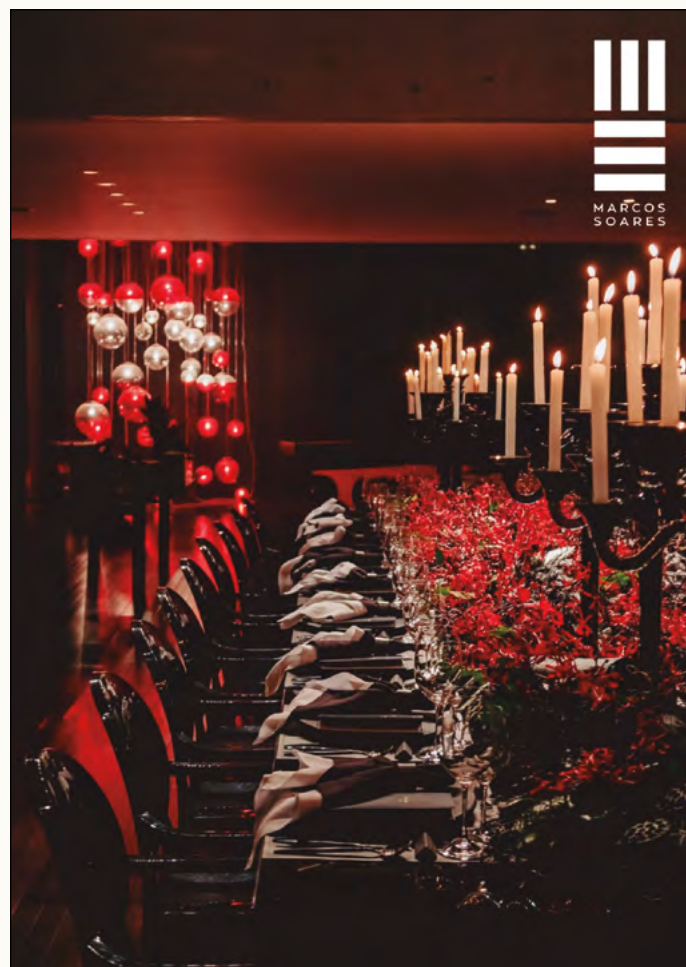
Uma menina de apenas oito anos que fazia aquilo que todas as crianças e adolescentes em idade escolar fazem diariamente: sair de sua casa para ir à escola. Porém, no dia 18 de maio de 1973 ela nunca mais voltou. Seis dias após, depois de muita investigação e busca, encontraram seu corpo dilacerado por ácido, com indicadores de violência e abuso sexual. Passaram 27 anos, de 1973 até o ano 2000, para que se institucionalizasse o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infantil.

O objeto de reflexão deste artigo é, justamente, uma tomada de consciência de forma preventiva de pais, professores e cidadãos comuns quanto aos abusos e violências sexuais que acontecem em nosso Brasil a

cada três minutos, de acordo com dados do Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Em média, dos casos denunciados no país, seja pelo Disque 100 ou por Boletins de Ocorrência, 40% das crianças têm entre zero e 11 anos de idade; 30% de 12 a 14 anos e 20% de 15 a 17 anos. Os dados são assustadores. Para além dele, assusta também a ausência de debates na sociedade e de engajamento para proteger e prevenir situações de violência de direitos de crianças e adolescentes.

A sexualidade é um aspecto humano que deve, naturalmente, ser desenvolvido nas diversas fases da vida. Ao ser violada, afeta gravemente as vítimas, prin-



principalmente quando se trata de uma criança ou adolescente, por serem mais vulneráveis e não terem clareza e maturidade para identificar e enfrentar as situações de violência. A realidade vivenciada por milhares de crianças e adolescentes vítimas de exploração e violência sexual circunscreve-se em um cenário de medo, manipulação e coação, na sua maioria, ocorridos dentro de casa por pessoas conhecidas.

O Panorama da Violência Letal e Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil, lançado em outubro de 2021 pelo UNICEF e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), reúne boletins de ocorrência das 27 unidades da Federação e informa que, entre 2016 e 2020, 35 mil crianças e adolescentes de zero a 19 anos foram mortos de forma violenta no Brasil – uma média de 7 mil por ano. Além disso, no mesmo período, 180 mil sofreram violência sexual – uma média de 45 mil por ano.

Quando se fala em violência sexual, existem dois tipos de violações: o abuso e a exploração. A diferença entre os dois é que o primeiro é voltado para a satisfação de desejos, sem fins comerciais, e o segundo envolve mercantilização e, muitas vezes, pode estar re-

lacionado a redes criminosas. Trata-se de um fenômeno complexo considerando que as causas se originam de diferentes situações, sejam sociais, culturais e econômicas, nas quais se dão a violência, a negligência e o abuso de poder. Os agressores são adultos, na sua maioria homens, que usam a relação sexual para satisfazerem desejos e/ou obterem vantagens por meio de exploração sexual, agenciada ou não: trocas sexuais, pedofilia, prostituição, pornografia, turismo sexual e tráfico de pessoas. Nestes contextos todos, crianças e adolescentes são coagidos, violentados e explorados.

Mais do que um alerta e uma preocupação, este texto buscou apontar uma preocupação que deve estar presente em todos os lares. Estejamos atentos, vigilantes e, a qualquer sinal destes crimes, disque 100.

Célio Alves de Oliveira

Membro do Conselho de Educadores da Escola de Pais do Brasil. É antropólogo jurídico, professor universitário com formação em Pedagogia, Filosofia e Direito. Mestre em Antropologia (UFRGS), Mestre em Direito (UFSC) e Master em Direito e Mercado (UPO - SEVILHA-ESP). E-mail: celio.capacita@gmail.com

NCK
Assessoria Contábil



BRUNO CHEPANCK DOS SANTOS

Contador CRC PR 064606/O-2

bruno@nckcontabilidade.com.br

41 3339-7761 / 41 99832-4226

Rua Padre Anchieta, 1691 / 1504

Bigorrilho - Curitiba, Pr

nckcontabilidade.com.br



DO VISÍVEL AO INVISÍVEL: NASCE UMA OUTRA EDUCAÇÃO



Por **Jane Patricia Haddad**
e **Guilherme Almeida**

EM PRIMEIRO lugar, quero agradecer novamente ao Sinep-ES o convite feito para que eu compartilhasse minhas reflexões acerca de uma educação que acolhe e escuta o sujeito que, muitas vezes, está silenciado em seu diagnóstico ou mesmo em seus comportamentos considerados desajustados ao padrão normal estabelecido pelas escolas.

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) mostram que cerca de 2% da população mundial – uma em cada 44 crianças – apresenta algum traço do Transtorno do Espectro do Autismo. Por onde andam essas crianças e jovens? Muitos estão em nossas escolas, universidades, escritórios e empresas, outros estão à margem da sociedade, excluídos por não serem parecidos com outros, com os “normais”.

O que é ser diferente? Está aí uma boa questão para o debate entre escolas e sociedade. Somos diferentes em nossa subjetividade, somos diferentes em nossas semelhanças, viemos de diferentes famílias, histórias, desejos, até pensamos diferente. Mesmo assim, continuamos tentando classificar e catalogar pessoas em “iguais” e “normais”.

Nos dois últimos anos, a humanidade dividiu um sentimento único, apesar das diferenças sociais,

sanitárias e humanitárias: dividimos o medo, medo de morrer, medo de jamais voltarmos ao nosso “normal”.

Começamos a falar de um tal “novo normal”. Novo normal? Não havia nada de normal, o mundo já estava doente em sua indiferença ao diferente. As crises nos espremam até que transbordemos o que nós temos em nossos corações. Aqui cabe uma reflexão individual sobre o que cada um de nós aprendeu sobre si na pandemia e se sua transformação melhorou o que era bom ou trouxe mais dureza para o que já era árido.

Nesse momento, o convite é acolher nossas falhas, reescrever nossas rasuras e rever nossa educação, o que é fundamental para que a humanidade em cada um de nós não se extinga. Cabe a nós fazer a seguinte questão: Que mundo nós estamos dispostos a apresentar aos nossos alunos e alunas?

Eu e meu amigo, educador e pesquisador Guilherme Almeida, queremos apresentar um mundo de outra perspectiva, nem certo nem errado, apenas DIFERENTE. Formado em Direito, Guilherme é autista e aluno de doutorado na área de Educação na Unicamp, onde desenvolve pesquisa voltada para inclusão de pessoas neurodiversas no ensino superior. A neurodiversidade abrange autismo, dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, síndrome de Tourette e sinestesia, por exemplo. Essas condições acompanham o desenvolvimento ao longo de toda a vida das pessoas, mas nem sempre lembramos disso, como se aos 18 anos essas condições desaparecessem e deixassem de existir. Não deixam.

O autista diz a que veio: texto do meu querido Guilherme Almeida, que teve o diagnóstico como ponto de partida e não de chegada

Em 21 de julho de 2021 fundei o Coletivo Autista da Unicamp, mais do que um desejo pela inclusão, tratava-se de uma necessidade. Eu havia recebido o meu diagnóstico poucos meses antes e busquei na universidade orientação para me entender neste novo lugar de fala. Eu era um homem adulto, autista por toda minha vida, mas que apenas descobrira essa condição com quase 40 anos. Havia todo um universo para ressignificar, até mesmo em razão da minha própria ignorância.

Foi nessa época que eu descobri que autistas não são apenas crianças fazendo movimentos pen-

dulares ou gênios, incompreendidos e raivosos. Essa percepção errada e estereotipada era fruto do que as mídias e a indústria cinematográfica norte-americana retratavam como sendo o autismo "típico", mas se há uma coisa que não somos é típicos. Não seguimos um padrão e bem da verdade, ninguém deveria ter que seguir, ser colocado em uma forma que não nos cabe é sempre uma tortura.

Nessa jornada, entender como o autismo havia afetado a minha vida era o início de um longo percurso que eu desbravaria no caminho pelo autoconhecimento. A deficiência que se relaciona ao autista de nível 1 (aquele que requer nível de suporte mais leve), se mostra de modo contundente no campo da comunicação e das relações. Me deparar com esta constatação foi definitivo em um movimento de compreensão da minha própria história e como motivação para que eu buscasse me aprofundar na teoria da inclusão dentro da escola e da universidade.

Foi surpreendente que, dentre tantos grupos que comumente compõem um universo tão variado quanto a universidade pública (coletivos étnico-raciais, LGBTQIA+, feministas, etc), eu não tenha encontrado

nenhum que acolhesse pessoas que estavam na mesma condição que eu. Busquei encontrar outros grupos orientados para pessoas com deficiências, pois juridicamente o autismo equivale à deficiência, igualmente sem sucesso. Somente aí eu me dei conta de que, sim, essas pessoas estavam na universidade, mas invisibilizadas pelo sistema que teimava em colocá-las em formas.

Assim, finalizamos essa breve reflexão sobre uma educação que acolhe e escuta o sujeito que nos chega em sua neurodiversidade. O momento é de dar VOZ e VEZ para além de diagnósticos e leis: isso é direito e dever de todos nós. Do amor ninguém foge, experimentem, é a luz dele, desse AMOR, que convidamos cada um de vocês a sentir nos próximos dias, meses e anos de suas instituições. Vamos reescrever juntos e juntas nossa educação DO VISÍVEL AO INVISÍVEL.

Jane Patricia Haddad

Mestre em Educação. Conferencista. Psicanalista: www.janehadda.com.br

Guilherme Almeida

Doutorando em Educação pela Unicamp. Conferencista e criador do CAUCamp - Coletivo Autismo da Unicamp.



O QUE É A ESCOLA DE PAIS DO BRASIL

O MENOR CAMINHO ENTRE PAIS E FILHOS

A Escola de Pais do Brasil (EPB) é uma organização da sociedade civil que tem por finalidade aprimorar a formação dos pais, educadores, cuidadores e demais interessados, ajudando-os a aperfeiçoar suas funções educativas na família e na sociedade. É um movimento particular, voluntário, ecumênico e gratuito, que está aberto a todos que estão dispostos a refletir sobre suas concepções e atitudes.

A ORGANIZAÇÃO iniciou suas atividades em outubro de 1963, em São Paulo, e em Curitiba, em 21 de março de 1964.

MISSÃO

Ajudar pais, futuros pais e agentes educadores a formar verdadeiros cidadãos.

VISÃO

Queremos ser referência no tema da educação direcionada à melhoria das relações familiares.

CAUSA

Formar pessoas felizes, socialmente responsáveis e emocionalmente equilibradas.

OBJETIVOS

- Conscientizar os pais sobre sua responsabilidade e seu papel na educação dos filhos;
- Atualizar pais e educadores em práticas e princípios psicopedagógicos;
- Promover maior aproximação entre família e escola na



perspectiva de uma educação integral do ser humano;

- Incentivar a reflexão e a atualização sobre o processo educacional na família e na escola nos tempos atuais, para aprimorarem seu papel de educadores.

PÚBLICO-ALVO

Pais, mães, educadores, cuidadores e demais interessados.

COMO FUNCIONA

O trabalho da Escola de Pais do Brasil é voluntário e gratuito, sen-

do desenvolvido por coordenadores devidamente capacitados para atuarem onde forem solicitados. Funciona por meio de círculos de debates, uma vez por semana, durante sete semanas. As discussões possuem duração de uma hora e meia, aproximadamente, nas quais os participantes, a partir de suas experiências, dialogam e compartilham dúvidas, preocupações, dificuldades de educar e possíveis caminhos a serem buscados para uma melhoria educacional.

Seu trabalho tem um caráter preventivo e orientativo. Ele

permite, por meio de sua metodologia, manter o nível de interesse dos pais, pois enfoca a problemática educativa de cada grupo.

As parcerias acontecem com escolas, empresas, associações de classe, centros comunitários, condomínios, igrejas de qualquer denominação. Enfim, para todo e qualquer grupo que esteja interessado em melhorar a educação das crianças.

Atualmente, os Círculos de Debates podem ocorrer no formato on-line ou presencial. Para os Círculos de Debates on-line, é utilizada a plataforma Zoom.

CERTIFICADO

A EPB emite certificado aos inscritos que participam ativamente dos encontros.

BENEFÍCIOS ESPERADOS

- Melhor comunicação e diálogo na convivência entre pais e filhos;
- Definição dos limites de forma mais adequada e assertiva;
- Melhor orientação para uma sexualidade sadia;
- Prevenir e/ou identificar o uso de drogas lícitas e ilícitas;
- Conscientizar os pais sobre a necessidade de redes de apoio e do trabalho em conjunto com a escola de seus filhos;
- Atender os filhos e prepará-los para o mundo, conhecendo as etapas pelas quais passam e necessidades de amor e segurança.

RESUMO DOS TEMAS ABORDADOS NOS CÍRCULOS DE DEBATES

1º. EDUCAR É UM DESAFIO

A rapidez das transformações do mundo nos coloca em conflito em relação à educação que precisamos oferecer aos nossos filhos hoje. A atualização é de grande importância para ser mais assertivo o processo educacional. Sendo que, amor e segurança são duas necessidades básicas fundamentais para um desenvolvimento saudável físico e emocional.

2º. VALORES E LIMITES NA EDUCAÇÃO

A primeira escola do aprendizado dos valores é na casa dos pais e/ou educadores. Família e/ou educadores são responsáveis pelo desenvolvimento físico, psicológico e intelectual dos menores, o que envolve também dar conhecimento dos limites. Limites bem colocados transmitem segurança aos educandos.

3º. PAI, MÃE E AGENTES EDUCADORES

PAI: a compreensão de sua função paterna como elemento de equilíbrio no desenvolvimento dos filhos - a terceira pessoa. **MÃE:** enfrenta hoje várias jornadas de trabalho e precisa optar entre caminhos de difícil conciliação. O bom relacionamento com parceiro e filhos contribui para o desenvolvimento equilibrado dos mesmos. **AGENTES EDUCADORES:** avós, tios, padrasto, madrasta ou qualquer outra pessoa com responsabilidades por um educando - grande missão.

4º. EDUCAÇÃO DO NASCIMENTO À PUBERDADE

Conhecer e respeitar o amadurecimento das crianças de acordo com sua fase/idade, fazendo uso de limites e autoridade necessários, com amor. Medo, ciúme, mentira, consequências e recompensas são adversidades frequentes na vida de nossos filhos. É possível ajudá-los com o conhecimento das fases pelas quais passam e encontrar caminhos que ajudem a compreendê-los melhor. A parceria com a escola ajuda na

adaptação, socialização e aprendizagem das crianças. Por isso, a importância da escolha da escola.

5°. ADOLESCÊNCIA: O SEGUNDO NASCIMENTO

A adolescência, como fase crítica de transição, reúne características que os pais precisam conhecer e saber lidar, para então encontrar caminhos que ajudem a compreendê-los melhor. Diálogo e paciência são necessários, assim como a imposição de limites. Incentivos e elogios mais frequentes também permitem administrar a instabilidade emocional desta fase. É necessário ser presente e demonstrar amor; os filhos ainda querem colo, mas longe da vista dos amigos.

6°. SEXUALIDADE NO CICLO DE VIDA DA FAMÍLIA

Para o desabrochar de uma sexualidade serena, integradora e digna, são necessários informação, atualização e diálogo constante. Nessa fase, acontece turbulência hormonal e sexual, vulnerabilidade individual, social e familiar dos jovens. As consequências por falta de informação/formação/acompanhamento podem ser: início precoce da vida sexual, gravidez, ISTs/AIDs e múltiplos parceiros.

7°. CIDADANIA E A CULTURA DA PAZ

Precisamos estar atentos à nossa volta e comprometidos com uma ação transformadora que nos eleve a autoestima, proporcione uma visão ampla e nos inspire a lutar por metas. A educação dos filhos e/ou menores sob responsabilidade deve ser pautada na ética e em valores sólidos que os tornem melhores cidadãos. Neste encontro, é abordado a violência que pode ocorrer na família, as leis que protegem seus membros e a cultura da paz como um meio de neutralizar a violência. Além disso, uma reflexão de como deixo marcas no mundo.

Contate a Seccional ou Núcleo mais próximo de você ou acompanhe a agenda nacional e faça sua inscrição:



www.escoladepais.org.br/agenda

OUTRAS ATIVIDADES ON-LINE DA ESCOLA DE PAIS DO BRASIL

CÍRCULOS DE DEBATES NA MODALIDADE EAD - EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

FORAM iniciados em 2012 e esta metodologia utiliza a ferramenta Moodle. Tem duração de dois meses e os Círculos de Debates são divididos em quatro módulos.

WEBINARS

TRANSMITIDOS pelo canal da Escola de Pais do Brasil no YouTube, com a responsabilidade de uma instituição de mais de meio século de atuação social e educacional com foco preventivo e orientativo.

Os convidados para essas transmissões são especialistas, estudiosos e profissionais reconhecidos. Nesses eventos, a Escola de Pais do Brasil busca oferecer, para mães, pais, futuros pais, educadores e todas as pessoas interessadas em educação, informações, orientações e dicas práticas sobre educação com foco no relacionamento familiar.

As webinars são transmitidas ao vivo, quinzenalmente, e permanecem gravadas, o que permite que sejam vistas posteriormente. Iniciadas em 2020.

**Inscreva-se no canal
EPB no YouTube e
receba as notificações
das próximas edições.**



PATRAS

gráfica

www.patras.com.br

Livros

Informativos

Pastas

Folders

Revistas

Agendas

Apostilas

Catálogos

41 | 3204-5000

Rua João Chede, 1835 | CIC
CEP: 81.170-220 | Curitiba | PR

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL EPB

ASSEMBLEIA GERAL

Órgão supremo da Associação e, dentro dos limites da lei e do estatuto, tomará toda e qualquer decisão de interesse da sociedade.

DIRETORIA EXECUTIVA NACIONAL

Coordena, supervisiona e orienta todas as atividades da EPB.

CONSELHO FISCAL

Compete-lhe examinar as contas e emitir parecer.

ÓRGÃOS DE ASSESSORAMENTO

CONSELHO DE EDUCADORES

É responsável pela orientação doutrinária-pedagógica da EPB. É formado por pessoas de reconhecida capacidade intelectual nas áreas de educação, psicologia, sociologia e pedagogia.

CONSELHO CONSULTIVO

Órgão de assessoramento da Diretoria Executiva Nacional. Formado pelos atuais representantes nacionais (RN's) nos estados onde atua a EPB e pelos presidentes e ex-presidentes da Diretoria Executiva Nacional e casal presidente do Conselho de Educadores.

REPRESENTANTES NACIONAIS (RN)

São o elo entre a Diretoria Executiva Nacional e as seccionais presentes nos Estados de: Alagoas, Bahia, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

DIRIGENTES REGIONAIS (DR)

Supervisionam as Seccionais e são o elo entre elas e o RN do estado.

SECCIONAIS (AFILIADAS) E NÚCLEOS

Possuem sua própria diretoria e funcionam sob a orientação geral da Diretoria Executiva Nacional. Núcleos (vinculados a uma Seccional).

A Escola de Pais do Brasil é reconhecida como Utilidade Pública Federal. Decreto 72.220 de 11 de maio de 1973; Utilidade Pública Estadual – Lei 8885 de 26 de julho de 1965, Estado de São Paulo; Municipal – Lei – 14.565 de 02 de junho de 1977, município de São Paulo. Possui também Reconhecimento de Utilidade Pública Estadual e Municipal nos diversos estados e municípios onde atua. Conta com CNPJ próprio em cada Seccional.

A Escola de Pais do Brasil é pessoa jurídica de direito privado, com prazo indeterminado de duração, sem fins econômicos, de caráter educacional e filantrópico com sede e foro na cidade de São Paulo (SP), na Rua Bartira, 1094, no bairro de Perdizes, CEP 05009-000, CNPJ 62.993.456.0001/57, e-mail Brasil: brasil@escoladepais.org.br e atuação em todo o território brasileiro por si e através de suas afiliadas.



DIRETORIA EXECUTIVA NACIONAL DA EPB – BIÊNIO 2022-2024

CASAL PRESIDENTE	Iracema Lourdes Simioni Wobeto José Alberto Wobeto	Seccional Grande Florianópolis/SC
CASAL VICE-PRESIDENTE	Marlene de Fátima Merege Pereira e José Carlos Pereira	Seccional de Curitiba/PR
CASAL DIRETOR DE DOCTRINA	Teresinha Bunn Besen Brani Besen	Seccional Grande Florianópolis/SC
CASAL DIRETOR DE COMUNICAÇÃO	Sônia Maria Ferreira Santos José Geraldo dos Santos	Seccional de João Monlevade/MG
CASAL DIRETOR FINANCEIRO E PATRIMONIAL	Joana A. Ferraz C. Cezimbra Reinaldo Almeida Cezimbra	Seccional de Salvador/BA
CASAL DIRETOR DE CONGRESSO	Cynthia Santini Alves de Oliveira Célio Alves de Oliveira	Seccional de Joaçaba e Herval d'Oeste/SC
CASAL DIRETOR DE INTEGRAÇÃO NACIONAL	Marama Farias Labrunie Marcos Moraes Labrunie	Seccional de Salvador/BA
CASAL DIRETOR ADMINISTRATIVO	Marilês Ansiliero B. de Oliveira Anilton Tadeu Borges de Oliveira	Seccional de Videira/SC
CASAL DIRETOR DE NORMATIZAÇÃO E APOIO ÀS SECCIONAIS	Vera Lúcia Canal Spricigo Orlando Spricigo	Seccional de Videira/SC
CASAL DIRETOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS E SOCIAIS	Leide Leal Costa Francisco Carlos Costa	Seccional de Anápolis/GO

CONSELHO FISCAL

TITULARES

Celso Luiz Christ • Seccional de Erechim/RS

Lorivanda B. de Oliveira Neto • Seccional de Campo Grande/MS

Miguel Rosa dos Santos • Seccional de Goiânia/GO

SUPLENTES

Jairo Marcelo Santos • Seccional de Alagoinhas/BA

Suzivane Batista da Silva Amaral • Seccional de Recife/PE

Hélio de Almeida Gomes • Seccional de Belo Horizonte/MG

CONSELHO DE EDUCADORES

CASAL PRESIDENTE

Cinthia Santini Alves de Oliveira e Célio Alves de Oliveira

CONSELHEIROS

Ana Lúcia Magano Henriques e Eloi de Andrade Henriques

Cinthia Santini Alves de Oliveira e Célio Alves de Oliveira

Edna Morais da Silva Cunha Araújo e Antônio Sérgio Araújo

Frei Almir Ribeiro Guimarães

Helena Maria Sigaud

Iham El Maerrawi e Jean Khater Filho

Iracema Lourdes Simioni Wobeto e José Alberto Wobeto

Maria Christina Siqueira de Sousa Campos

Maria Rita D'Angelo Seixas e José Carlos Seixas

Regina Célia Simões de Mathis e Ruy de Mathis

Verônica A. da Motta Cesar Ferreira

Zilpha Carvalho Nascimento e Ivo Nascimento

CONSELHO CONSULTIVO

CASAL PRESIDENTE

Regina Lustre Azevedo Gabriele e Armando Gabriele Filho

DEMAIS MEMBROS

Ana Maria de Oliveira Silva e Murilo Martins da Silva

Adriana Mazutti Ruschel Castanhel e Francisco Carlos Castanhel

Cinthia Santini Alves de Oliveira e Célio Alves de Oliveira

Edna Morais da Silva Cunha Araújo e Antônio Sérgio de Araújo

Gesmir da Silva Debre e José Antônio Debre

Iracema Lourdes Simioni Wobeto e José Alberto Wobeto

Lorivanda Barbosa de Oliveira Neto e Antônio Clemente Oliveira Neto

Maria de Fátima do Espírito Santo Baldissera e Idovino Baldissera

Maria Izabel Passos Imbiriba e José Luiz Lalor Imbiriba

Maria Lúcia Teixeira Nunes e Antônio Ferreira Nunes

Marlene Calixto da Mota Brito e Carlos Vieira de Brito

Marilene Rauber Ebone e José Adoril Ebone

Onildo Alves da Silva e Darlene Luzia Pereira Silva

Terezinha Sampaio Falcão e Djalma Navarro Falcão

SECCIONAIS EPB

ALAGOAS

TEOTÔNIO VILELA

BAHIA

ALAGOINHAS

MURITIBA

SALVADOR

SANTO ANTÔNIO DE JESUS

GOIÁS

ANÁPOLIS

GOIANÉSIA

GOIÂNIA

PIRACANJUBA

RIO VERDE

MATO GROSSO DO SUL

BONITO

CAMPO GRANDE

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE

JOÃO MONLEVADE

PARAÍBA

CAMPINA GRANDE

ESPERANÇA

PARANÁ

CÉU AZUL

CURITIBA

GUARAPUAVA

SÃO MIGUEL DO IGUAÇU

PERNAMBUCO

RECIFE

RIO GRANDE DO SUL

CANELA

CARAZINHO

CAXIAS DO SUL

ERECHIM

GETÚLIO VARGAS

GRAMADO

MARAU

SÃO MARCOS

SANTA CATARINA

CHAPECÓ

CURITIBANOS

GRANDE FLORIANÓPOLIS

HERVAL D'OESTE E JOAÇABA

VIDEIRA

XANXERÊ

SÃO PAULO

CAMPINAS

LIMEIRA

MOGIDAS CRUZES

PIRACICABA

PRAIA GRANDE

SANTA BÁRBARA D'OESTE

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

SÃO PAULO

SOROCABA

TUPÃ

ASSOCIE SUA CIDADE.

ESCOLADEPAIS.ORG.BR

www.escoladepais.org.br
[@escoladepaiscuritiba](https://www.instagram.com/escoladepaiscuritiba)
[/EscoladePaisCuritiba](https://www.facebook.com/EscoladePaisCuritiba)
escoladepaisctb@gmail.com

